



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS DE ERECHIM  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**TAMIRES PAULA BALBINOT**

**MODERNIDADE, EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA NA CIDADE DE ERECHIM  
(1940-1969)**

**ERECHIM  
2014**

**TAMIRES PAULA BALBINOT**

**MODERNIDADE, EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA NA CIDADE DE ERECHIM  
(1940 – 1969)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação,  
apresentado como requisito para a obtenção do grau  
de Licenciatura em História da Universidade Federal  
da Fronteira Sul – Campus de Erechim.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza

**ERECHIM  
2014**

**DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação**

Balbinot, Tamires Paula  
Modernidade, Exclusão e Violência na Cidade de Erechim  
(1940-1969)/ Tamires Paula Balbinot. -- 2014.  
64 f.

Orientador: Fábio Francisco Feltrin de Souza.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura história , Erechim, RS , 2014.

1. Modernidade. 2. Cidade. 3. Exclusão. 4. Violência.  
I. Souza, Fábio Francisco Feltrin de, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**TAMIRES PAULA BALBINOT**

**MODERNIDADE, EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA NA CIDADE DE ERECHIM  
(1940 – 1969)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:  
25/11/2014.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza – UFFS

---

Prof. Me. Débora Clasen de Paula – UFFS

---

Prof. Dr. Luís Fernando Santos Corrêa - UFFS

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a você Álvaro Greselle meu companheiro, amigo de todas as horas, pessoa admirável e que em nenhum momento deixou de acreditar que eu conseguiria realizar este trabalho.

A minha mãe Fátima, minha heroína, pessoa que sempre se orgulhou da minha escolha. Meu pai agradeço a ti, pois, apesar de não demonstrar sei que sempre torceu por mim e sei também que se orgulha por uma filha sua escolher o caminho do magistério. Aos meus irmãos (a), sobrinhas e cunhadas (o) obrigado pelo apoio de sempre e pelas discussões de domingo, afinal de contas elas foram fundamentais para o meu crescimento pessoal.

Agradeço a todos (as) professores do curso Licenciatura em História da UFFS por proporcionarem o conhecimento não apenas racional, obrigado, pois acima de ensinar vocês nos fizeram aprender. Em especial gostaria de agradecer ao meu orientador prof. Dr. Fábio Feltrin de Souza pelo seu empenho dedicado à elaboração deste trabalho, obrigado por sua paciência na revisão da redação do mesmo. Sem o seu apoio tudo seria mais difícil.

As minhas chefes Francieli e, de modo especial, a Francine Lilian Fusinato, por nunca me dizer não, sendo que a quase todo momento eu pedia para faltar ao trabalho, muito obrigado por não questionar quando meu pensamento estava distante, jamais esquecerei este gesto.

Não poderia faltar os meus mais sinceros agradecimentos aos 5ª séries Daiana Varotto, Henrique Trizotto, Marciano Bonatti, Cristiano Enich, Jéssica Garcia, Ariane Gisi, Vinícius de Oliveira, Jonas Tomazin, Fabrício Biazin, Graziela Donin, Vanessa Zin, Angélica Rossi (que também contribuiu com as fontes), Geanine Sabadini (uma irmã que a universidade me trouxe de presente), não tenho palavras para agradecer o quão importante foi à convivência diária com vocês, acreditem sem a mesma a graduação não teria a menor graça! Vou leva-los pra sempre em meu coração, pois muito mais que colegas, vocês são meus amigos!

Agradeço também aos meus amigos por compreenderem meu mau humor e por algumas vezes o meu afastamento. Enfim agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar e compreender por que em determinado momento da história de Erechim resolveu-se retirar de circulação indivíduos, privando-os de usufruir dos seus direitos humanos mais básicos. Para isso, buscou-se examinar os discursos médicos-sanitaristas presentes no Jornal A Voz da Serra e nas cartas enviadas pelo Departamento de Higiene Pública ao Hospital São Pedro e a Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre. Ao mesmo tempo procurou-se estabelecer uma relação entre o discurso de modernidade, exclusão e cidade salientando, desta forma, como Erechim, durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, possuía um típico desejo de progresso. Destaca-se também a existência de uma Casa de Passagem, confirmando práticas de confinamento e a exclusão das pessoas consideradas loucas (alienadas) naquele espaço. Ademais, procurou-se construir um entrelaçamento entre as noções de modernidade e suas consequentes práticas de exclusão dos indesejados na cidade de Erechim.

Palavras-chave: Modernidade. Cidade. Exclusão. Violência.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze and understand why in certain moment in the history of Erechim/RS/BR, resolved withdraw circulation of individuals, depriving them from enjoying their basic human rights. For this, it sought to examine the discourses present in the medical - sanitary Journal The Voice of the Sierra and in the letters sent by the Department of Public Safety at Hospital São Pedro and Santa Casa de Misericórdia in Porto Alegre/RS/BR. At the same time it tried to establish a relationship between the discourse of modernity, highlighting exclusion and city thus Erechim how, during the 1940s , 1950s and 1960s, had a typical desire for progress. Also noteworthy is the existence of a House of Passage, confirming practices of containment and exclusion of people considered mad (alienated) in that space. Moreover, it tried to build an interweaving between the notions of modernity and its attendant practices of exclusion of unwanted city Erechim.

Keywords: Modernity . City. Exclusion. Violence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem da Av. Maurício Cardoso (1920) .....	17
Figura 2 – Praça Charles de Gaulle – Centro de Paris .....	17
Figura 3 – Vista aérea da Praça da Bandeira de Erechim .....	18
Figura 4 – Vista da Av. Maurício Cardoso na década de 50 .....	27
Figura 5 – Coluna, Jornal A Voz da Serra .....	28
Figura 6 – Coluna, Jornal A Voz da Serra .....	29
Figura 7 – Coluna, Jornal A Voz da Serra .....	30
Figura 8 – Hieronymus Boch, Nau dos Loucos (1503-1504) .....	39
Figura 9 – Imagem do chão do então Hospital Psiquiátrico, localizado no Centro Espírita .....	48
Figura 10 – Carta enviada pelo suposto Departamento de Higiene ao administrador do presídio local .....	50
Figura 11 – Carta enviada a Santa Casa de Misericórdia em 04/11/1963 .....	51

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO OU MEMÓRIA CONFINADA</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A CIDADE QUE CURA OS CORPOS</b> .....	<b>14</b>
2.1	DISCURSO MÉDICO E EXCLUSÃO .....	21
<b>3</b>	<b>ALA DOS ALIENADOS: O CONFINAMENTO E O ESQUECIMENTO DO OUTRO EM ERECHIM</b> .....	<b>38</b>
3.1	A TENTATIVA DE ESQUECIMENTO .....	47
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO OU PRELÚDIO DE OUTRO INÍCIO</b> .....	<b>56</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>60</b>

## 1 INTRODUÇÃO OU MEMÓRIA CONFINADA

Desde o final do século XIX e início do século XX, houve um grande desenvolvimento das ciências exatas assim como das ciências naturais, o que permitiu muitas descobertas e inovações. É a partir deste momento que se evidencia um grande avanço principalmente na área tecnológica, tendo uma repercussão imediata no campo econômico. Também, houve neste período muitos avanços científicos sendo que estes foram sucedendo-se um após o outro, como é o caso do avião, do submarino, do cinema, assim como também a indústria do jornal e do livro, que tiveram suas produções barateadas podendo atingir cada vez mais, um maior público.

Em meio ao desenvolvimento das ciências, emerge um discurso e uma preocupação por parte dos higienistas, que acabaram se tornando portões de acesso para que a psicologia e a psiquiatria chegassem e fizessem sua história no Brasil (Pessoti, 1988). Sabe-se que até meados do século XIX não existia nenhum tipo de assistência médica para doentes mentais, por isso o tratamento que lhes era ofertado era o alojamento das prisões ou enclausuramento nas Santas Casas de Misericórdia e Hospitais Psiquiátricos. Eis que nesse momento surgia o questionamento sobre quem eram afinal os loucos. Seriam os pobres? Aqueles que possuíam uma “raça inferior”? Ao que parece, Machado de Assis tentou pensar sobre esse momento ao descrever em sua obra *O Alienista* a história do Dr. Simão Bacamarte, um médico que após conquistar grande prestígio em sua carreira tanto na Europa como no Brasil, e resolve voltar para sua terra natal, a cidade de Itaguaí, para dedicar-se aos estudos e a psiquiatria. Ao chegar, ele acaba construindo um manicômio chamado Casa Verde este local viria a servir de abrigo para todos os “loucos” da cidade e região.

Aos poucos a casa foi ficando lotada e o doutor cada dia mais obcecado por seu trabalho. No início o local aceitava as intervenções com bons olhos, pois eram compreendidas como tratamento para os casos de “loucura”. Mas à medida que a “loucura” ganhava certa visibilidade entre os cidadãos, começou a se criar grande espanto entre os habitantes. Machado de Assis (2014: p.68), descreve que nenhuma pessoa poderia sequer inventar uma mentira, pois por mais simples que fosse aquele que a havia proferido seria logo enviado para a Casa Verde. Tudo era considerado loucura e ninguém escapava aos legados do alienista.

Na obra, o autor explora o comportamento humano além das aparências, expondo com grande ironia a vaidade e o egoísmo do ser humano. Desta forma Machado de Assis contrapõe o que é normal e o que é anormal, por meio de um médico que precisa se esforçar para tentar compreender os distúrbios psicológicos da população. A grande questão proposta e discutida no decorrer da obra é quem é o louco? O autor mostra que tudo é relativo e que a normalidade nem sempre é aquilo que a ciência e os fatos atestam de forma absoluta. Ao passo que também parece propor um questionamento sobre o status da ciência, principalmente da medicina, de catalogar e classificar os seres humanos a partir de seus pressupostos.

Essa construção fictícia percebida na obra de Machado de Assis parece ter encontrado materialidade histórica na cidade de Erechim no século XX, pois era comum a este município que os considerados loucos fossem encaminhados às Casas de Passagens, onde ficariam trancafiados até serem considerados “normais”. O médico Simão Bacamarte é substituído por médicos e agentes sociais, estes eram responsáveis por julgar quem era alienado e desta forma encaminha-los para que recebessem o tratamento, julgados por eles como necessário.

A presente pesquisa possui como premissa o objetivo principal de analisar e compreender por que em determinado momento da história de Erechim resolveu-se retirar de circulação seres humanos, privando-os de usufruir dos seus direitos mais básicos e confinando-os em instituições criadas para este fim. Servindo a estes propósitos, analisa-se o discurso médico-higienista presente no Jornal A Voz da Serra, bem como as cartas enviadas ao Hospital São Pedro e a Santa Casa de Misericórdia junto aos “alienados” retirados de circulação de Erechim. Importante destacar e cruzar o número de “alienados” com a ênfase no discurso médico e o desejo de modernidade. Faz-se necessário também, destacar a existência de uma Casa de Passagem, mostrando assim o confinamento e a exclusão de pessoas naquele espaço.

Busca-se tentar compreender, de uma maneira geral, como o discurso vinculado em jornal e revista e divulgado nos diversos setores da sociedade criaram uma “verdade” sobre a doença mental e como determinados hábitos e comportamentos daqueles sujeitos considerados indesejáveis, puderam ser catalogados como alienação. Sabe-se que no início do século XX muitas foram às políticas de higienização das cidades e que as mesmas acabaram se organizando de forma europeia, sendo assim, tiraram-se de circulação aqueles que eram

considerados indesejáveis e que não se encontravam de acordo com os padrões dessa sociedade. Tendo em vista que por muito tempo buscou-se esquecer deste triste capítulo da história do Brasil, por sua vez Erechim não fica de fora destas reformas, e desta mesma tentativa de esquecimento, pois por muitas vezes este fato fora negado e pior que isso, fingiu-se nunca ter existido.

Portanto compreende-se a importância de investigar o tema mais a fundo, para que desta forma se possa observar que a concepção de loucura possui um ponto de partida temporal, entretanto devemos entendê-la em um sentido mítico, pois ela indica um crescimento indefinido. Esta pesquisa se justifica em tentar compreender o porquê estas pessoas, que muitas vezes não possuíam nenhuma doença mental eram enviadas a estes Hospitais Psiquiátricos. A partir das análises das cartas enviadas ao Hospital São Pedro, busca-se averiguar as descrições contidas nas mesmas a respeito destas pessoas internadas.

Desse modo, a pesquisa tem por finalidade investigar a relação entre os discursos médicos, de modernidade e as práticas de exclusão operadas pela cidade de Erechim durante as décadas de 1940, 1950 e 1960. A pesquisa busca ainda mostrar o impacto da teoria eugenista nos séculos XIX e XX, sendo esta teoria baseada em algumas práticas de Governo, que dispõe de ferramentas como o racismo de Estado, executado por meio do Biopoder, como intermédio para poder legitimar o desaparecimento de pessoas em nome da pureza social. Da mesma maneira em que se afirma o poder estatal e o racismo difundido socialmente como condições para justificar o emprego social, institucional e governamental de formas de exclusão e extermínio daqueles considerados desajustados sociais.

Da mesma maneira em que retirou-se de circulação aqueles que aos olhos da sociedade da época não se enquadravam dentro dos padrões por eles estabelecidos, fez-se também uma tentativa de esquecimento, por muitos anos pessoas sem nenhum problema psiquiátrico ficaram trancafiadas dentro Hospitais Psiquiátricos ou mesmo em Casas de Passagem que existiram em todo o país e, aqui em Erechim não fora diferente. Entretanto, o silêncio, a omissão, não se encontra apenas nos discursos predominantes em jornais e revistas do período, até hoje aqueles que de alguma maneira teriam contribuído para que estas violências ocorressem contra muitas pessoas, continuam negando fatos e escondendo documentos que comprovam o que de verdade teria ocorrido na Capital da Amizade.

O desenvolvimento central da pesquisa está dividido em dois capítulos, sendo que o primeiro intitulado *A cidade que cura os corpos* objetiva, entre outras coisas mostrar como a cidade se organizou, quais as influências arquitetônicas que projetaram e estruturaram este centro urbano e que, podem ser constatados até os dias atuais. Buscando assim fazer uma relação entre modernidade e os reflexos de seus discursos na sociedade. Neste capítulo apresenta-se a análise feita nas cartas enviadas pelo suposto Departamento de Higiene Pública a Santa Casa de Misericórdia e ao Hospital São Pedro, relacionando o ano em mais houve internações nestas instituições com o discurso presente no Jornal a Voz da Serra.

O segundo capítulo intitulado *Ala dos alienados: o confinamento e o esquecimento do outro em Erechim*, especificamente pretende-se enfatizar a existência de uma Casa de Passagem nesta cidade, sendo que esta teria funcionado juntamente com um Centro Espírita. Busca também, ressaltar a violência, o esquecimento e o enclausuramento de pessoas, proporcionado por uma sociedade que acima de tudo respirava um desejo de modernidade. Neste capítulo enfatiza-se também a tentativa de esquecimento existente por parte dos donos do Centro Espírita, assim como os prontuários médicos do Hospital Santa Terezinha de Erechim, por estes não serem de domínio público seu acesso fora negado.

No decorrer do trabalho e antes de inicializa-lo muitas foram às dificuldades encontradas, principalmente as que dizem respeito às fontes investigadas. Percebe-se que existe um negligenciamento por parte dos responsáveis, tanto dos prontuários e relatórios que estariam sob o controle do Hospital Santa Terezinha, da mesma forma que os documentos que existem e comprovam a existência de uma casa de passagem que teria funcionado juntamente com um Centro Espírita de grande respeito da cidade. Além deste Centro Espírita, acredita-se que outras entidades também devem ter funcionado como alas psiquiátricas, as quais podem ter existido dentro do próprio hospital municipal.

Ao se analisar o número expressivo de “doentes mentais” que esta cidade acabou enviando para Porto Alegre, ou até mesmo os que acabaram recebendo tratamento em Erechim, acaba ficando um silenciamento no ar, e os indícios de que tenha existido um Departamento de Higiene Pública são muito grandes. Tudo indica que este Departamento seria responsável pelo recolhimento e encaminhamento de indivíduos. Não se pode afirmar ao certo o porquê, pois não se teve acesso aos documentos deste Departamento e, portanto, também não é possível afirmar ao

certo a veracidade de sua existência. O que se presenciou é que sempre ao questionarem-se os responsáveis sobre os documentos existentes do período, o silêncio acabara prevalecendo.

Cabe salientar que em quase todas as circunstâncias em que foram procurados os documentos neste sentido de investigação, estes foram negados. Outra dificuldade encontrada foi à indiferença com que os responsáveis demonstravam em esclarecer as dúvidas. Para além da negação das fontes, verificou-se um desconforto, sabendo que esta não é uma parte da história que engrandece Erechim, pelo contrário, é um indício de uma cidade que assim como tantas outras no século XX buscou se modernizar, utilizando para isso práticas de higienização e embelezamento, o que por consequência principal acabou retirando de circulação centenas de seres humanos que, por muitas vezes causavam um desconforto para aquela sociedade pela classe social que ocupavam, ou por não se adequarem aos padrões exigidos pela vertente de pensamento moderno.

Agindo assim, negando-se o acesso a estas fontes, os responsáveis pelas mesmas acabam corroborando em parte, para que este passado não seja divulgado e, acima de tudo, para a perpetuação do silêncio que oprime os que foram calados, os que sofreram e os que ainda sofrem as marcas deixadas em suas vidas por consequência deste passado não muito distante. Muitas vidas foram deixadas e esquecidas dentro dos “porões” destes hospitais psiquiátricos, outras foram “libertadas”, mas acabaram perdendo em parte a liberdade por terem de conviver diariamente com as lembranças do sofrimento por elas passado.

## 2 A CIDADE QUE CURA OS CORPOS

Este capítulo possui como objetivo, abordar como se buscou estabelecer na cidade de Erechim, uma relação entre o discurso de modernidade, exclusão e cidade salientando, desta forma, como o município, durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, acabou mostrando um típico desejo de modernidade. Pode-se perceber que em praticamente todos os discursos existentes permanece um vazio, um silêncio, estes se justificam como uma tentativa de esquecimento. Outro ponto que se pretende enfatizar em seu decorrer são os discursos médicos-sanitaristas presentes no Jornal A Voz da Serra e nas cartas enviadas pelo suposto Departamento de Higiene Pública ao Hospital São Pedro e a Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre. Antes, contudo, faz-se necessário examinarmos mais de perto a relação discursiva existente entre cura, confinamento e modernidade, uma vez que se levanta a hipótese de que na cidade de Erechim, este desejo de modernidade, estava na esteira deste enredo discursivo.

Durante muitos anos, através dos desdobramentos da modernidade no que diz respeito à medicalização dos corpos, percebe-se que o fazer ciência estaria relacionada em seguir um método reconhecido, lógico, positivo e certo. O fato de se buscar no corpo, por doenças da “alma” são formas que a ciência encontrou para tentar abranger manifestações da subjetividade do sujeito, impressas no corpo, das quais ela não consegue dar conta. O que se torna evidente na modernidade é que o corpo assume um lugar privilegiado e de interesse. Como afirma Le Breton (2008) ele diz que o corpo, normalmente é colocado como um rascunho a ser corrigido.

As certezas sobre as causas das doenças do homem são buscadas incansavelmente através de imagens de um corpo que é explorado de todas as formas. Após cada visualização se produz hipóteses e produções de verdades. Sabe-se que o homem não precisa morrer para ter seu corpo estudado, pelo contrário, ele é visto estudado e examinado a todo o momento, por pessoas dotadas de um conhecimento alicerçado como correto e verdadeiro. Ou seja, os avanços das tecnologias de visualizações do corpo coincidem com a cada vez maior centralidade do homem em relação a seu corpo.

O saber da ciência moderna, que busca abolir a subjetividade do homem, segundo Ávila e Vieira (2014), procura sua verdade através de uma determinada ciência que na época de Hipócrates afirmava que as doenças estavam ligadas

diretamente ao desequilíbrio de um dos quatro humores presentes no homem (sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra), mas que a partir de agora estaria ligado diretamente ao sofrimento mental, a doença mental como fruto de um desequilíbrio em neurotransmissores no cérebro. O cérebro, que é nosso órgão máximo da regulação dos sentidos, foi e continua sendo explorado e visualizado das mais diversas formas; pela ciência, pela mídia, pelo povo, todos acabaram se apropriando. E assim mais uma verdade foi colocada sobre os sujeitos, mais uma ferramenta de controle do biopoder.

Pode-se verificar que na virada do século XIX para o século XX, com o desenvolvimento do capitalismo e o desabrochar da sociedade urbano industrial, eis que surge à formação de um discurso baseado no ideal de novo, de progresso e de ruptura com o passado. É colocada em prática, portanto a partir deste momento uma reforma que visava não somente transformar os espaços urbanos “embelezando-os”, “modernizando-os”. Sabe-se que ao longo dos tempos muitas foram às políticas públicas de higienização desenvolvidas neste país, Chalhoub (2011) descreve isto em sua obra *Cidade Febril*, na mesma ele descreve um dos maiores cortiços do Rio de Janeiro, o “Cabeça de Porco”, sendo que este estaria no final dos anos de 1890, condenado pela Inspetoria Geral de Higiene. Chalhoub (2011, p. 29) enfatiza entre outros aspectos, uma ideologia de higiene, sendo esta explicada pelo fato de os pobres oferecerem perigo não apenas por provocarem a desordem, mas por oferecerem ameaça de contágio. É a partir do surgimento destas reformas urbanas que as classes pobres passam a ser observadas como um perigo, tanto para a organização do trabalho, como também para a manutenção da ordem pública. O perigo social e de contágio oferecido pelos pobres acaba aparecendo no imaginário político brasileiro no final do século XIX, através do mito da doença contagiosa, ou seja, os pobres ofereceriam perigo de contágio. Para se evitar a reprodução das chamadas classes perigosas recomendava-se combater a ociosidade e futuramente zelar pela educação dos menores.

Neste sentido pode-se compreender que esta política de higienização tinha por traz uma ideia de cidade moderna, sendo que nela não seriam bem vistos aqueles homens e mulheres que exigiam melhores salários, casas, ou mesmo mendigos, prostitutas e criminosos, neste palco estético dispensavam-se aqueles personagens desfigurados, aleijados, feios, pobres, esfarrapados, pessoas

marcadas pela tônica do atraso. Estes, ao olhar dos gestores públicos precisavam ser “adestrados”, “docilizados”.

Estas reformas urbanas que ocorreram, não somente no Rio de Janeiro, como é apresentado por Chalhoub, se realizou em várias cidades do Brasil e do mundo. A cidade de Erechim não ficou de fora destas modificações, ao contrário das grandes cidades, o município foi construído e planejado dentro destes padrões estéticos. Segundo historiadores locais (Chiaparini, Smaniotto, Fabris e Hachmann, 2012), a cidade teria recebido grande influência da Corrente Positivista, sendo esta determinante no modo de planejar, executar e preparar a vinda dos imigrantes.

O traçado e o planejamento urbano da cidade se diferenciam da maioria das cidades localizadas no interior do estado. Para quem visita este centro urbano pela primeira vez, destacam-se as ruas e avenidas largas que muito se assemelham com as da cidade de Washington, Paris, Buenos Aires e também com a cidade mineira Belo Horizonte. Chiaparini; Smaniotto; Fabris e Hachmann (2012) afirmam que:

O traçado adotado pelo engenheiro foi o de malha xadrez: quadras de dimensões regulares, entrecortadas por quatro avenidas diagonais à malha principal. A malha xadrez é planejada a partir de uma avenida central, no sentido norte-sul, a partir da estação ferroviária, projetada com uma largura de quarenta metros, de onde partem as ruas perpendiculares e paralelas de menor dimensão. As avenidas diagonais são sobrepostas à malha na porção superior da planta, irradiando a partir de uma praça de formato oval em torno da qual foram implantados os monumentos e prédios importantes. As ruas transversais têm medidas inferiores, vinte e cinco metros, e as diagonais que se cruzam na praça principal medem trinta metros. A Praça da Bandeira é o ponto central para onde convergem todas as ruas. (CHIAPARINI; SMANIOTTO; FABRIS; HACHMANN, 2012, p. 245)

Todo o planejamento realizado pelo engenheiro Torres Gonçalves previa a construção de oito praças localizadas nos eixos das avenidas, as quais acabam servindo como pontos de fuga das perspectivas monumentais criadas pelas mesmas. Neste sentido Chiaparini; Smaniotto; Fabris e Hachmann (2012) enfatizam que:

A proposta era fazer, da área da praça o espaço mais importante da cidade. O tempo mostrou que Torres Gonçalves tinha razão. Porque ali já estiveram concentrados os prédios da Prefeitura Municipal, da Igreja Matriz São José, da Câmara Municipal, do Fórum e do antigo Prédio da Comissão de Terras, o Castelinho, reduto da história e da cultura do Município. Em síntese, o núcleo central idealizado por Torres Gonçalves é um ponto de convergência política, administrativa e religiosa. (CHIAPARINI; SMANIOTTO; FABRIS; HACHMANN, 2012, p. 245)

Figura 1 – Imagem da Av. Maurício Cardoso (1920)



Fonte: <<http://zip.net/bqp6rQ>> Acesso em 20, out. 2014.

Porém ao analisar a vista aérea da cidade é necessário contrapor os argumentos de Chiaparini; Smaniotto; Fabris e Hachmann (2012), pois ao olhar a figura 1 acima, percebe-se que se trata de uma cidade formada a partir de ideais muito mais de modernidade do que uma cidade positivista. Além do mais, sabe-se que a mesma foi inspirada em cidades europeias, como é o caso de Paris por exemplo.

Figura 2 – Praça Charles de Gaulle, centro de Paris



Fonte: <<http://zip.net/bqp6rR>> Acesso em 20, out. 2014.

Figura 3 – Vista aérea da Praça da Bandeira de Erechim



Fonte: <<http://zip.net/bsp527>> Acesso em 20, out. 2014

A imagem acima (Figura 2) é possível visualizar o Arco do triunfo, o qual está situado na Praça Charles de Gaulle. A Praça se localiza no centro de Paris e possui uma rotunda em forma de estrela que permite o trânsito escoar para cada uma das suas pontas, como pode ser visto na imagem. Outro aspecto que muito chama a atenção é que se comparar a Praça Charles de Gaulle com a Praça da Bandeira de Erechim (Figura 3), logo evidencia-se que elas são de fato muito semelhantes e possuem o mesmo objetivo, que seria o melhor escoamento do trânsito.

Assim como os urbanistas revolucionários franceses, que procuraram criar extensões livres de tudo o que prejudicasse o movimento e a visão, permitindo que o vazio desse lugar para as grandes construções (SENNET, 2003: p. 241), Erechim se organizou da mesma maneira. Aos poucos a cidade ganhava forma, as ruas começavam a serem abertas, lugares antes estreitos ou sem passagem, ganhariam destaque por se tornarem ruas e avenidas amplas. Ao final da década de 1940 os habitantes passaram a receber água tratada, primeiramente na área central, pois, segundo Zambonato (2000), era o centro da cidade que concentrava maior número de usuários.

A energia elétrica que chegou à cidade ao final da década de 1940 era fornecida por um gerador acionado por uma máquina a vapor e só entrava em funcionamento quando escurecia. Segundo Zambonato (2000: p.23) as indústrias possuíam sua própria fonte de energia, com máquina a vapor usando lenha como combustível, em média calculava-se que era usado cerca de 2m cúbicos de lenha

por hora. É interessante analisar, que a mesma teria chegado a uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul ao mesmo tempo em que chegara a grandes cidades do país.

De acordo com Zambonato, em sua obra *Os meus Erechim* (2000), a cidade logo em seus primeiros anos era considerada tranquila, as pessoas não precisavam manter suas casas fechadas a sete chaves, nos bancos não havia nenhum guarda e apenas o tesoureiro e o caixa ou o gerente é que possuía, em suas gavetas, uma arma sendo ela inutilizada. Os guardas de segurança e serviços de policiamento eram praticamente dispensados. Por muito tempo o presídio de Erechim ficou localizado no térreo do atual prédio da prefeitura, as pessoas que por lá passavam podiam conversar com os presos e até mesmo lhes alcançar objetos, pois as celas se localizavam próximas à calçada.

Ao se analisar as edições do jornal local denominado, *A voz da Serra*, verifica-se que o mesmo destaca no decorrer de suas publicações o desenvolvimento da cidade, evidencia-se que a mesma fora pensada para ser uma cidade moderna, por exemplo, quando ele enfatiza a explosão demográfica, a expansão das construções e a amplificação da rede de água e esgoto. Outras impressões evidenciavam a expansão industrial. Aos poucos Erechim passava a ser vista como uma possível cidade polo no futuro. Com o passar dos anos a mesma foi crescendo e as indústrias ligadas à extração vegetal, tais como erva-mate, e de madeiras, como várias serrarias, começaram a se instalar.

Erechim possuía inúmeras entidades Recreativas e Culturais entre elas pode-se destacar o Clube do Comércio, Clube Recreativo Atlântico, Ipiranga Futebol Clube, Piscina Clube entre outros, todos destinados à elite local disponibilizando aos mesmos uma intensa vida social. Entretanto, faz-se necessário frisar que nem tudo funcionava perfeitamente como a imprensa nos mostra. Esta mesma Erechim que se desenvolveu rapidamente e que foi intitulada de a Capital da Amizade esconde no decorrer de seu processo histórico aqueles cidadãos considerados “alienados”, que foram de certa forma esquecidos.

Os centros urbanos ganham a partir deste momento ares das grandes cidades europeias, carregando consigo um conjunto de valores, no qual a elite política pregava a necessidade de “reformular”, “regenerar”, “civilizar” a sociedade e o país. O que se percebe nos discursos da época, é que existia um desejo muito grande de distanciar de forma mais breve possível tudo aquilo que não era

considerado “bonito” e que poderia denegrir a imagem que se buscava construir da cidade. De acordo com Chalhoub (2011, p.35) os governantes eram vistos como os responsáveis para que a sociedade alcançasse o quanto antes o caminho da civilização. Um dos requisitos necessários para que a nação prosperasse tal qual os países considerados cultos e desenvolvidos, era encontrar meios para a solução de problemas relacionados à higiene pública.

Em nome da higiene, da salubridade e do progresso, recolheram-se muitas pessoas consideradas “indesejáveis” para a sociedade. Foram removidos do corpo social erechinense seres humanos considerados “dementes” pelo fato de possuírem uma condição social menos favorecida, ou pelo simples fato de não se encontrarem dentro dos padrões exigidos. Estas pessoas citadas, por muito tempo ficaram confinadas em Hospitais Psiquiátricos, sendo que por muitas vezes as únicas doenças que possuíam era o incomodo que causavam para a sociedade da época. Em relação a isto, Chalhoub (2011, p.35) destaca que o resultado dessas operações mentais seria subentender a higiene como uma ideologia, isso quer dizer que essa ideologia estaria intimamente implicada com as concepções do Estado. Tratar-se-ia do conjunto de ações que juntas conduziriam o país rumo ao caminho “certo”, rumo a “civilização”, isso implicaria na despolitização da realidade histórica. Sendo assim, tais ideias passaram a nortear o suporte ideológico de médicos e engenheiros nas décadas seguintes, estes por sua vez passariam a adquirir poder na administração pública.

A partir deste momento insiste-se cada vez mais nos conceitos de “limpeza” e “beleza, fica explícito, portanto o desejo de fazer a civilização à moda europeia, ou seja, se busca na verdade fazer política deslegitimando o lugar da política na história”. Sabe-se que o discurso médico-higiênico acompanhou o início do processo de transformação política e econômica da sociedade brasileira em uma economia urbano-comercial e expressou o pensamento de uma parte da elite dominante que buscava modernizar o país. Estes pensamentos não ficaram no papel, eles foram vivenciados no cotidiano de muitas pessoas como retrata a coluna do Jornal À Voz da Serra do ano de 1951 intitulada “Desajustados Sociais”:

As pessoas vingativas, os criminosos, os egoístas são desajustados sociais, isto é, membros da sociedade que vivem fora dela e que a ela não se adaptaram. Hoje, a medicina têm meios para evitar tais males: as regras de higiene mental, que desde cedo, os pais devem por em prática para

benefício dos filhos. Evite que seu filho se torne um desajustado social, criando-o de acordo com os preceitos da higiene mental. – SNES.

Os higienistas de maneira geral entendiam que a desorganização social e o mau funcionamento da sociedade eram causados pelas doenças, sendo assim caberia à medicina refletir e atuar sobre seus componentes naturais, urbanísticos e institucionais, visando desta forma neutralizar todo o perigo existente. A “ciência social” aos poucos se tornou um instrumento de planejamento urbano, todas as grandes mudanças que ocorreriam nas cidades seriam a partir deste momento justificadas como uma questão de saúde. Esta mesma “ciência social” tornou-se analista das instituições e aos poucos acabou transformando os hospitais em “máquinas de curar”, o hospício surge como um confinamento disciplinar do doente mental. Em nome da ordem e buscando a criação de hábitos sadios a concepção higienista dizia não ser possível se construir uma nação possuindo nesta uma raça inferior, eivada pela mestiçagem como eram os brasileiros, nesta questão, o higienismo se embasava na Eugenia. Historiadores, sociólogos e antropólogos demonstraram grande preocupação com o cuidado eugênico ao qual deveria segundo se julgava, ser submetida à raça brasileira<sup>1</sup>.

## 2.1 DISCURSO MÉDIO E EXCLUSÃO

Com o passar dos séculos o que se observa é que se mudam os discursos, mas a exclusão daqueles considerados marginais continua aumentando e a Nave dos Loucos antes utilizada na Renascença acaba sendo substituída pelos trens de loucos no final do século XIX e início do século XX no Brasil. A pesquisa tem demonstrado que a medicina social surge com o objetivo de combater a desordem social. É a partir deste momento que a medicina passa a se interessar por tudo o

---

<sup>1</sup> Segundo alguns estudos as origens da teoria eugenista estaria associada a um contexto específico, derivado de mudanças ocorridas após a segunda fase da Revolução Industrial. Foi neste mesmo período que ocorrera um grande aumento populacional motivado pelas migrações de pessoas do campo para a cidade, ocasionando um crescimento desordenado das mesmas e isso acabou aumentando também o número de doenças. Por conta disso o Estado passou a interferir nas decisões, direcionando seu discurso para um discurso científico apoiado em argumentos biológicos, contando com o apoio da burguesia. Desta forma foram desenvolvidas políticas de disciplina e higiene pública, aplicadas com a finalidade de prevenir doenças e possíveis impactos na economia, além dos processos de reurbanizações. Um exemplo de eugenia negativa foi o extermínio de judeus e as práticas de esterilização compulsória empregadas durante todo o regime, isso em prol da higienização social.

que diz respeito ao social, ela se torna, portanto peça integrante das novas estratégias políticas e de controle da população.

O filósofo Michel Foucault enfatiza que os objetos como loucura, medicina, Estado, são termos constituídos historicamente para cada época. Nesta perspectiva construir uma história local, a partir da abordagem das práticas e discursos higienistas e estéticos, que redesenham o espaço e criam novas formas de percepção e de usos do espaço urbano, possuem sua pertinência no contexto da história social, porque a cidade na contemporaneidade traz algumas problematizações pertinentes à abordagem historiográfica. Segundo Pesavento (2001, p.14) viver em uma cidade acaba trazendo a realidade de necessidades e urgência de atendimento aos problemas apresentados pela comunidade urbana. Compreendê-los em sua perspectiva histórica significa com certeza voltar-se para o passado mantendo os olhos no presente, para poder assim proporcionar-lhe uma luz.

Desta forma, a problematização de temáticas como a higiene e a estética no contexto da historiografia local, significa lançar mais um olhar sobre a cidade na modernidade e esta se relaciona com a emergência de uma nova forma de compreender a história. Percebe-se também que as práticas de higienização estariam ligadas e seriam influenciadas pelo conceito de disciplinarização de Michel Foucault, enfatiza-se neste momento uma tentativa de disciplinar a classe trabalhadora não somente em seu ambiente de trabalho, mas também nos seus momentos de lazer, descanso, nas ruas e no lar. Assim como Sandra Pesavento enfatiza em sua obra *Uma Outra cidade: o mundo dos excluídos do final do século XIX* (2001, p.12-13), onde ela analisa a cidade de Porto Alegre no final do século XIX sob o ponto de vista dos excluídos, ou seja os personagens da cidade que são invisíveis socialmente.

A cidade para a autora cresce e se estrutura, não somente pela materialidade de suas edificações e pela execução dos seus serviços públicos que por sua vez interferem nos espaços. Esta mesma visão que é descrita sobre a cidade de Porto Alegre destaca-se na cidade de Erechim onde, existiu um processo de construção de personagens no qual o estereótipo é fixado em imagens e palavras que acabam encontrando um sentido preciso. Os indesejáveis, perigosos, turbulentos, marginais podem ser desalojados e combatidos como inimigos internos, ou também ao oposto disso, podem se tornar invisíveis socialmente, visto que sobre eles se silencia ou

nega-se sua presença. Evidencia-se em uma coluna do Jornal A Voz da Serra denominada *Preceito do dia* com o título “Doentes da razão”:

Graças à ação humanitária de numerosos médicos, os doentes mentais passaram a ser olhados como doentes do cérebro, doentes da razão. Para o tratamento de tais enfermos, existem hoje serviços especializados, hospitais, sanatórios e casas de saúde.  
Procure encaminhar os doentes mentais aos hospitais e serviços clínicos especializados, para que eles recebam tratamento conveniente. – SNES.  
(Jornal A Voz da Serra, 24 de julho de 1951)

Essa coluna em especial deixa claro a possível existência de um Departamento de Higiene Pública, onde se faz um apelo para que as pessoas “ajudem” aqueles que sofrem com as doenças do cérebro, e a melhor maneira de ajuda-las seria encaminhá-las aos hospitais e Casas de Misericórdia para que assim pudessem ser curadas. Em todos os períodos da história criou-se um motivo para desalojar aquelas pessoas que possuíam características diferentes, ou seja, tudo aquilo que soa desigual, que não se possui conhecimento ou mesmo uma explicação, passa assim a ser considerada loucura. Prova disso é que na Idade Média quando se exclui, e após isso se apaga da memória a figura do leproso, com o surgimento das doenças venéreas, se da continuidade à exclusão destes seres humanos. O escurraçamento avança e a partir do século XIX, a loucura passa a ser encontrada nos pobres, nos negros, nas prostitutas, enfim em todas aquelas pessoas como fora mencionado anteriormente e que são diferentes aos olhos da sociedade. Na coluna de eugenia que existia no Jornal A voz da Serra, o Doutor Pires faz algumas considerações sobre o que é o Vitiligo:

Ninguém ignora o que seja o vitiligo. Todos já viram, certamente, pessoas atacadas desse mal. São indivíduos que chamam logo a atenção sobretudo quando da raça preta pelo aspecto, nesse caso, muito mais acentuado das placas brancas. O vitiligo manifesta-se em pessoas de ambos os sexos e de qualquer raça, se bem que haja uma certa predileção para os indivíduos jovens. (Jornal A Voz da Serra, 25 de julho de 1951).

Evidencia-se que existe uma maior discriminação quando o vitiligo se encontra nas partes do corpo expostas e nas pessoas negras. Criar ou regulamentar os espaços públicos e também os privados passou a ser o foco na ordenação das multiplicidades e a partir deste momento a medicina ganha destaque por se tornar uma estratégia biopolítica. É em especial a partir do século XIX que os problemas

das cidades começam a ser enfocados: as sujidades e as epidemias. Consequentemente a biopolítica com base nos fenômenos coletivos procuram estabelecer mecanismos que regulam e disciplinam, objetivando segundo Foucault (1999, p.293-294) disciplinar, fixar um equilíbrio, manter uma média, estabelecendo uma espécie de homeostase, assegurando assim compensações; em suma, instalando mecanismos de previdência em torno desse aleatório. Sendo assim, a biopolítica representa também uma Medicina Social e sua preocupação volta-se neste momento para a gerência da saúde, da higiene, e na medida em que tais gestões tornam-se investimentos políticos. É a partir deste momento que a Medicina começa a dialogar com a cidade, com a rua, com a casa, com a escola, com o bordel, com a prisão, com a população de uma maneira geral e com os sujeitos em sociedade. Desta forma, Roberto Machado (1978: p. 242-243) afirma que a medicina social pode ser considerada política, não significando que ela seja um contra-poder. Ela é considerada política tanto pela maneira como intercede na sociedade e penetra em suas instituições, bem como por sua relação com o Estado. Ela necessita do Estado para consumir seu projeto de prevenção das doenças da população. Se ela não possuir um próprio instrumento de poder, ela se torna improdutiva, porém ao mesmo tempo ela se torna útil ao Estado por se tratar de um instrumento qualificado capaz de assumir com ele e por ele as questões relativas à saúde carregando consigo o apoio de uma ciência. A medicina social se desenvolve juntamente com a ideia de centralização política, ou seja, ela participa da própria luta pela constituição de um Estado centralizado, onde ela representaria por intermédio de um órgão especializado.

Este conceito de medicina social mostra que ela é representada pela prevenção, ou seja, não se trata de um fato novo, moderno, mas sim um fato que nasceu há algum tempo atrás, em um momento da história e que é assim chamada pela maneira como quis lidar com o tema da saúde. Até o século XIX a saúde não possuía nenhuma ligação com a sociedade, ela era utilizada para evitar a morte após o surgimento dos sintomas. Mas, a partir do século XIX se instala no Brasil duas das principais características da medicina; uma seria a sua influência sobre a sociedade e a outra seria a sua atuação como braço científico do poder do Estado.

Outra reflexão que surge através do conceito de medicina social diz respeito a dois pontos importantes, pois se de um lado ela apresenta a cura através da aquisição científica, por outro ela deixa transparecer seu lado negro mostrando que

só se entra no hospício para nunca mais sair ou, na melhor das hipóteses, sair para após algum tempo retornar. As cidades são consideradas focos de doenças tanto pelo aspecto natural quanto social e por isso deve haver uma intervenção da medicina nestes dois sentidos, para que, com a saúde em dia o Estado possa funcionar bem. O homem é considerado o centro da medicina social, ele é a causa e a vítima da desordem urbana. A ação dos médicos, como fornecedores da salubridade e como ordenadores do aspecto urbanístico, tem como objetivo final favorecer o progresso e a civilização. Neste sentido Machado (1978: p.260) afirma que desde o seu surgimento a medicina social está diretamente ligada à ideia de que a cidade seria a causa das doenças por conta de sua desordem. Sendo assim a medicina social se caracterizaria pelo projeto de prevenção constante contra ao meio considerado adverso à saúde de seus habitantes. Seria deste modo que os médicos formulariam sua verdadeira teoria sobre a cidade, desenvolvendo em vários níveis um raciocínio sobre a morbidade urbana e especificando a exigência de realização de condições de vida ideais que a tornassem um potente instrumento de normalização da sociedade, sendo assim a medicina social é considerada essencialmente urbana.

Por possuírem um grande número de pessoas convivendo entre si, as cidades eram vistas como um foco de doenças. Caberia então à medicina defender o homem contra o seu próprio modo de vida desordenado. A medicina começa a criar teoria a respeito da morbidade urbana e meios que regulem a sociedade para fazer dela a real interventora em prol da saúde dos cidadãos. Por todos os cantos da cidade será encontrada a medicina, as autoridades afirmarão que somente com a saúde pública garantida o Estado poderá funcionar corretamente.

Outro objetivo que surge com a reflexão médica é o aspecto urbanístico da cidade, aquilo que é feito pelo homem. A desordem de crescimento e a falta de planejamento da cidade geram o perigo que ela representa para a sociedade que ali habita. Mansera e Silva (2000), afirmam que crítica dos médicos neste momento é direcionada aos ricos e aos pobres, a todos aqueles que não cuidam de seu lixo. O Estado passa a ter a obrigação de fornecer condições iguais de higiene para todos, além de colaborar ele mesmo para a saúde. A ação da medicina é educativa e de mudança da sociedade para poder favorecer a civilização e o progresso. Ela surge como detentora do conhecimento sobre as soluções para os problemas que a cidade

apresenta, sendo assim a medicina se apresenta intercedendo na sociedade, fazendo com que desta forma a cidade se submeta ao seu controle.

Eis que surge o chamado “esquadrinhamento urbano”, este por sua vez busca por um fim naquilo que diz respeito aos grandes estabelecimentos criados pelos próprios médicos e também pelo governo, tal como o da cidade de Erechim, o que de alguma forma comprovaria a hipótese de que esta sua concepção traz as marcas de um desejo de modernidade. Desta modernidade excludente e violenta que esquadrinha, separa e confina os corpos indesejáveis. Estes surgem para controlar as cidades de muitos habitantes. A medicina urbana acaba descobrindo que estes espaços convencionais possuem as mesmas marcas que as cidades onde foram construídas. Machado (1978: p.279) acentua a contradição, ao frisar que a reflexão e a prática médica têm a resolver as instituições, ainda que necessárias, são consideradas focos de doenças e desordens e, como tal, demonstram ser um perigo para todo o meio urbano. As dificuldades são encontradas principalmente por existir a necessidade de não poderem ser abolidas. No entanto seria impensável destruí-las, pois a permanência das suas consequências negativas torna indispensável o esforço de crítica e de transformação efetuado pela medicina.

Surge, portanto neste momento dois sentidos principais a essa medicalização das instituições; uma seria mudar a sua localização para fora da cidade, e o outro seria organizá-las internamente, neste caso o objetivo da medicina social é proteger a sociedade e os grupos que nela vivem do perigo que a instituições podem oferecer. Seus objetivos principais são, de uma maneira ou de outra, formar ou até mesmo reformar física e moralmente o cidadão. Este “esquadrinhamento urbano” que descreve a medicina social mostra-se também no âmbito das instituições, como é o caso dos hospitais. Os discursos médicos apontam as instituições como focos de periculosidade e ataca em dois importantes aspectos: um seria a sua má colocação no centro da cidade, e o outro seria na sua falta de organização interna. A justificativa para este ser afastado se justifica pelo fato de se estar evitando a contaminação da cidade e de seu interior. Os médicos não só defendiam a mudança da localização do hospital, como também pretendiam organizar o espaço interno dos hospitais.

Ao voltar o olhar para a cidade de Erechim facilmente depara-se, a partir da década de 1940, com uma nova visão e um novo discurso que se fazem presentes nos jornais e revistas locais. Devemos ter em mente que estes mesmos meios de

comunicação eram destinados a elite local, pois traziam no decorrer de suas páginas assuntos sobre pessoas de grande poder da cidade, e também divulgavam a respeito da intensa vida social das mesmas.

A partir da década de 1950 o centro da cidade passa a receber grandes investimentos em limpeza, ajardinamento paisagismo, iluminação pública entre outras aplicações que tornavam o centro um lugar de convivência e sociabilidade aos que eram considerados civilizados. Aos pobres e negros restava à exclusão destes espaços, eles eram obrigados a construir suas vidas aos arredores do centro urbano, formando assim os primeiros bairros da cidade. O discurso predominante na cidade neste momento é voltado para o embelezamento, busca-se sim remover de circulação tudo aquilo que aos olhos daquela sociedade mostrava-se feio.

Figura 4 – Vista da Avenida Maurício Cardoso na década de 50. N° 01 – Hotel de Marchi; N° 02, Pagnoncelli.



Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font

Ser feio neste momento significa ser pobre, negro, alcoólatra, viver nas ruas, ser prostituta, o fato de possuírem algum problema físico, cometer algum crime, entre outros. No caso de cometer algum crime a pessoa era encaminhada a penitenciária e após isto ao Hospital Psiquiátrico. Todos estes critérios seriam

decisivos no momento de se diagnosticar a loucura, tudo o que aos olhos desta sociedade apresentava-se diferente, caracterizava a pessoa como um desajustado social.

É a partir da década de 1950 que emergem colunas tanto na revista Erechim quanto no jornal A Voz da Serra, sendo estas escritas pelo doutor Pires, um cidadão que assinava como médico. O mesmo possuía residência na cidade do Rio de Janeiro, mas escrevia frequentemente em suas colunas intituladas “Eugenia e Beleza” dicas estas de higiene e beleza para a população, conselhos para deixar seus leitores cada vez mais bonitos. Pode-se destacar entre as dicas citadas pelo doutor para o “Tratamento das cicatrizes das espinhas”, “Quando um indivíduo calvo pode ter esperanças”, “Alergia e produtos de beleza”, entre outras.

Figura 5 – Coluna Jornal A Voz da Serra

**Cuidados com os dentes**

Nunca é demais repetir o dente cariado resista para o organismo um constante perigo deve ser removido antes. Para isso é preciso procurar o dentista periodicamente, duas vezes por ano, pelo menos. É preciso lembrar que não é o suficiente, mas, e podemos, muito mais. Pode-se conseguir que, depois de cuidadoso exame, o dente não bata no orelhão.

Muito bem, meu caro, cada há que fazer. Sententes estão todos todos perfeitos!

Se é possível, por me- que possa parecer ao- nio, vejamos: outros, há três fa- importantes a con- e, quando se fala- nte cariado: alimen- mastigação dos a- os e limpeza dos

— As recentes pes- sobre nutrição e vi- as, permitem afir- ne o problema da é, sobretudo, um na alimentar. Em palavras: falta de fósforo e vitamina- limentação.

— De um modo mastigamos mal os os, ou porque já es- tes estragados, ou comemos as carrei- n o olho no relo-

gio. No entanto, nossos dentes e gengivas preci- sam de exercício. E exer- cício para dentes e gengi- vas significa boa mastiga- ção.

— Quando come- mos qualquer alimento, especialmente doces, cho- colates e outras gulosei- mas, os restos alimentares e o açúcar ficam entre os dentes. Deixando de lim- par convenientemente a boca permitindo que esses resíduos aí permaneçam durante algum tempo, mais do que o suficiente pa- ra fermentar e dar origem a ácidos que atacam e fa- cilitam a ação dos ger- mes.

**Alimentação e gripe**

Ai estão os principais motivos que dão ensejo ao aparecimento da carie den- tária. Removê-los signifi- ca evitar dentes cariados. Isto não é tão difícil co- mo se pode julgar.

A gripe comum, que se pode complicar fácilmen- te em formas graves, tem na alimentação sadia e a- bundante uma das formas eficazes de sua terapêuti- ca. A perda de apetite é um dos característicos ou prenúncios da gripe, do que resulta, naturalmen- te, o enfraquecimento das defesas orgânicas. Daí a necessidade de se acorrer em auxílio do organismo. A má vontade do estôma- go em aceitar o alimento, pode logo, ser contornada por meio de intervalos me- nores e variedade das re- feições. Não há dificulda- des em estabelecer uma

dieta anti-gripal, em que predominam, pelo seu alto teor vitamínico, os legu- mes e frutas, a carne de vaca e o leite fresco, o pão e ovos. Sucos de fru- tas, notadamente de laran- ja e de limão, são altamen- te recomendados e de fá- cil digestão. Da mesma forma os laticínios e a verdura. O álcool deve ser evitado, embora possa pro- duzir efeitos momentâneos de revigoramento or- gânico. Alie-se à alimenta- ção sadia e abundante a prática de repouso e ter- se a um regime ideal de cura, que será ainda útil na preservação da doen- ça, principalmente nas é- pocas em que a persistên- cia de surtos gripais acon- selha a vigilância e o for- talecimento adequado das defesas naturais do orga- nismo.

**S.A.V.A.G.**  
S. A. Viação Aérea Gaúcha  
Agora com aviões DOUGLAS, com voos regulares entre ERECHIM

Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font

Figura 6 – Coluna Jornal A Voz da Serra

**Conselhos de beleza**

## Tratamento das cicatrizes das espinhas

Dr. PIRES

A acné ou vulgarmente a espinha constitui uma das mais banais afecções da pele atingindo de preferência os indivíduos de quinze a dezoito anos.

Quasi sempre, ou por falta de um tratamento adequado ou, então, pelo hábito bastante errôneo das próprias pessoas exprimerem os cravos e mesmo as espinhas, o resultado é que ficam inúmeras cicatrizes na pele.

É claro que hoje em dia não se justifica mais que as espinhas deixem cicatrizes, posto que, havendo uma orientação segura no tratamento, elas desaparecem sem deixar a menor marca. As palavras aqui ditas são dirigidas, portanto, aos que, infelizmente, tiveram essa moléstia há mais de vinte anos atrás, época em que ainda não havia métodos científicos capazes de solucionar o mal.

Vejamos a orientação que deve ser tomada em face de um caso de cicatrizes de acné.

Em se tratando de cicatrizes profundas, utiliza-se um pequeno instrumento chamado escarificador com o qual são feitos vários cortes superficiais sobre os locais onde existem as marcas. Na hipótese de cicatrizes rasas, procede-se ao nivelamento da pele por meio de uma lixa especial para esse fim.

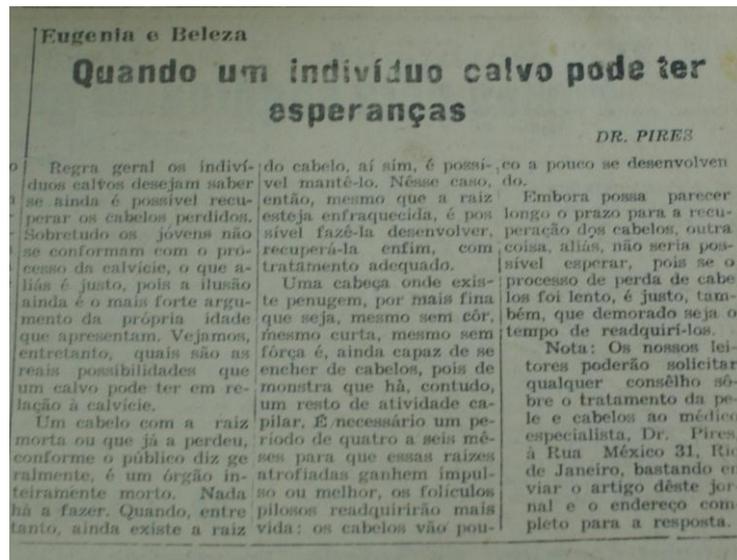
Após a escarificação ou lixamento, forma-se uma crosta sobre os locais tratados e que cai num período de poucos dias. A superfície da pele vai pouco a pouco se normalizando.

É um tratamento que deve ser feito com muita perícia a fim de que o escarificador ou a lixa não atuem em lugares indevidos. Regra geral, um tratamento por semana é o suficiente e em alguns casos os resultados são logo observados, embora outros requeiram um número grande de aplicações.

**NOTA:** — Os nossos leitores poderão solicitar qualquer conselho sobre o tratamento da pele e cabelos ao médico especialista Dr. Pires, à Rua México, 31 Rio de Janeiro, bastando enviar o presente artigo deste jornal e o endereço completo para a resposta.

Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font

Figura 7 – Coluna Jornal A Voz da Serra



Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font

A partir de tais enunciados fica cada vez mais evidente que a cidade buscava retirar de circulação todos os indivíduos que poderiam vir a “enfeiar” este centro urbano. É a partir deste momento que os discursos de higiene, limpeza, embelezamento e modernidade começam a ganhar volume e evidencia-se como reflexos destes discursos que os corpos passam a ser excluídos. Richard Sennet em sua obra *Carne e Pedra* (2003) faz um estudo sobre algumas cidades em momentos específicos de suas evoluções, tendo elas marcado as experiências corporais e os espaços em que aquelas pessoas viviam e transitavam.

Sendo assim, Sennet (2003: p.265-266) destaca que, o desenho urbano do século XIX, não somente promoveu a grande circulação de pessoas, como também incapacitou o movimento dos grupos considerados ameaçadores, este movimento teria surgido com a Revolução Francesa. Consolidados em seus antecessores iluministas, que idealizavam as cidades como artérias e veias, os urbanistas modernos colocaram esse imaginário a serviço de novos usos. Anterior a isto se concebia o indivíduo estimulado pela multidão agitada, neste momento ele passaria a ser protegido pela mesma.

O que se percebe é um olhar mais de perto para o desenvolvimento da sociedade moderna que acabou motivando a articulação contra o individualismo urbano, a prática do movimento e da passividade corporais com que ele baseia sua história, sendo assim ele sugere, um novo modo de se pensar a cultura urbana.

Junto a esse desenvolvimento urbano surgem iniciativas que têm entre seus objetivos principais remover tudo e todos que de certa forma possam oferecer perigo. Com o intuito constante de modernização Erechim cresceu e se desenvolveu com largas avenidas, lindos prédios possuindo um belíssimo traçado arquitetônico, entretanto toda essa beleza deixou escancaradas as marcas da exclusão e violência na vida de muitas pessoas.

Por muitas vezes o único problema que estas possuíam diziam respeito ao incômodo por elas causados aos que de uma forma ou de outra se sentiam superiores. Segundo Mansera e Silva (2000), para a concepção dos higienistas o alcoolismo afetava principalmente as classes menos favorecidas, se tratava de uma questão muito complexa e delicada que poderia ser entendida, portanto, como uma doença moral, na qual o remédio se encontraria na educação, ou mesmo poderia ser entendida como uma doença social, cujo remédio estaria na ordem. Sendo assim acreditava-se ainda que o alcoolismo fosse capaz de interferir diretamente na produção econômica do país, pois se afirmava que era necessário trabalhar com operários sóbrios para poder se fazer a riqueza da nação. Estas pessoas se encontravam submetidas a péssimas condições de vida, para sobreviverem muitas vezes era necessário recorrer à marginalização e à prostituição. Para os higienistas todos estes fatores seriam causas de degeneração moral e social da sociedade, desta forma os programas que surgiam para combater o alcoolismo possuíam muito mais o intuito de regenerar a sociedade segundo um código moral, pois o alcoolismo seria capaz de conduzi-las às penitenciárias ou aos manicômios.

Ao se tentar compreender porque tantas pessoas foram internadas, sendo que na maioria das vezes, elas não possuíam nenhum problema psiquiátrico, realizou-se no decorrer desta pesquisa a análise de aproximadamente 490 cartas de pacientes enviados para a Santa Casa de Misericórdia e ao Hospital Psiquiátrico São Pedro durante os anos de 1961, 1962, 1967 e 1968. Pode-se afirmar que se trata de um número bastante expressivo, pois tivemos acesso a apenas as cartas referentes a quatro anos da década de 1960. Ao se investigar estas cartas fez-se uma sondagem a respeito do sexo, idade, estado civil e o ano de internação destes pacientes. (Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font)

Tabela 1: Dados dos pacientes

<b>ANO</b>	<b>SEXO: FEMININO/ MASCULINO</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>
1961	66 mulheres e 81 homens.	Não indicava.	Não indica.
1962	56 mulheres e 75 homens.	Não indicava a idade.	Não indica.
1967	51 mulheres e 69 homens.	De 6 meses a 67 anos.	50 casados (as), 62 solteiros (as) e 5 viúvos (as).
1968	41 mulheres e 52 homens.	De 12 a 75 anos.	41 casados (as), 43 solteiros (as), 4 viúvos (as) e 2 desquitados (as).

Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font

Ao analisar a tabela acima se pode verificar que os números de homens internados no decorrer destes anos eram em todos os casos superiores ao número de mulheres. Assim como o número de pessoas solteiras em ambos os casos se mostrava ser superior aos casados, viúvos e desquitados. Outro ponto importante de se ressaltar é que todas as cartas possuíam basicamente as informações acima descritas pela tabela. Não se especificava o porquê destes seres humanos estarem sendo encaminhados para receber tratamento psiquiátrico.

Entretanto outro fator que por muitos poderá passar despercebido, porém o que chama muito a atenção, é que desde o início deste capítulo enfatizou-se fortemente a respeito da exclusão e da remoção de pessoas consideradas indesejáveis para a sociedade. Contudo a idade destes pacientes internados tanto no Hospital Psiquiátrico São Pedro quanto a Santa Casa de Misericórdia varia bastante, pode-se dizer que varia entre todas as faixas etárias. No entanto, não podemos deixar de fazer uma reflexão; qual o provável desconforto ou mesmo incômodo que um bebê de 6 meses de idade poderia causar as pessoas que nesta cidade habitavam?

Pode-se pensar que estas crianças e estes jovens que tinham entre 14 a 18 anos seriam internados por possuírem algum tipo de má formação? Ou era por estes possuírem algum tipo de doença? As mulheres internadas em sua grande maioria eram casadas e possuíam família, o que levaria estas serem hospitalizadas? Existiria alguma relação por na época existir muitas crenças a respeito da chamada quarentena, isso quer dizer os quarenta dias após a mulher dar a luz ao seu filho, período onde a mulher deve se resguardar e tomar uma série de cuidados, entre eles o de não lavar o cabelo neste período, pois do contrario poderiam enlouquecer seria este o motivo pelo qual tantas mulheres casadas foram internadas? Seria este senso comum responsável pela “loucura” destas mulheres?

Outro fator muito intrigante é que como mencionado anteriormente, em todos os anos analisados nas cartas o número de solteiros era significativamente maior do que o de casados, desquitados e viúvos por exemplo. Questiona-se aqui este número estaria de fato ligado por estes solteiros de 30, 40, 50 anos não terem constituído família e, portanto deveriam ser retirados de circulação, pois a sociedade da época exigia que as pessoas se casassem até os trinta anos, visto que após esta idade seriam considerados “solteirões” ou passados da idade adequada para formar uma família?

Daniela Arbex descreve em sua obra denominada Holocausto Brasileiro, a história do maior hospício do Brasil chamado de Hospital Colônia, situado na cidade de Barbacena, Minas Gerais. Entre muitos casos descritos pela jornalista pode-se destacar a história dos meninos do Oliveira, onde ela descreve um Hospital de Neuropsiquiatria Infantil, que se encontrava no município de Oliveira situado no oeste do Estado. Segundo Arbex (2013: p.87) era assustador acreditar que crianças de dez anos poderiam estar pagando por erros que não teriam cometido. Como é o caso de um menino acusado de arrancar olhos de outras crianças, e por isso este era isolado e ficava exposto a um sol de 30°C, porém ele nunca havia arrancado nenhum olho.

Situações como esta eram frequentes, acredita-se que muitos pais enviavam seus filhos para estas instituições por eles possuírem algum tipo de deficiência física ou mental. Isto quer dizer que a violência e principalmente a exclusão sofrida por estas crianças iniciava-se em casa e depois teria continuidade refletindo-se na sociedade. Quando elas chegavam aos hospitais seriam mantidas dentro de berços dos quais não saíam sequer para tomar sol. O mesmo tratamento destinado aos

adultos seria destinado às crianças, pois não as poupavam sequer os eletrochoques, fazendo com que as mesmas acabassem convulsionando e muitas chegando à morte. Este tratamento infelizmente deve ter ocorrido em Erechim também, pois como sabemos que os tratamentos destinados aos que eram internados em Hospitais Psiquiátricos e as Casas de Passagem eram os mesmos.

Ao deparar-se com tamanha violência cometida contra o ser humano, verifica-se que a exclusão e a violência começam em casa, no momento em que os pais e a família de uma maneira geral se envergonham dos problemas físicos ou psicológicos de seus filhos. Isto acaba se refletindo na sociedade e o Estado encerra este ciclo da pior maneira possível levando estas pessoas de fato a loucura. Pois, o tratamento destinado às mesmas não pode ter outro resultado que não seja a loucura, encontrando-se trancafiados em hospitais, tendo que conviver diariamente com os maus tratos de médicos e enfermeiros, a fome e o frio.

Outro fator que se deve enfatizar ao averiguar as cartas diz respeito ao número de internados por ano, são números muito significativos principalmente ao verificar que no ano de 1961 foram internadas 147 pessoas. Muito intriga saber por que tantas pessoas teriam sido internadas neste ano, o que estava acontecendo na cidade neste momento? Ao analisar o jornal A Voz da Serra referente à este ano (1961), evidencia-se um discurso que mostra o desenvolvimento e o progresso da cidade, mais do que nunca a cidade está se modernizando com ruas sendo abertas e calçadas a todo o momento, além de manchetes intituladas “Cidade moderna na visão de um arquiteto polonês”.

O entretenimento dos munícipes também eram destaques em praticamente todas as páginas do jornal. Como é o caso dos jogos do Atlântico Futebol Clube que eram noticiados antes e depois de suas partidas. Os bailes no Piscina Clube com escolha de suas rainhas também eram motivos de destaque. Autoridades municipais emplacavam manchetes, neste sentido pode-se destacar o caso “Os Três Grandes de Erechim”, frisando no artigo a importância destas três maiores autoridades do município. Sendo assim, aos olhos de quem lê o jornal a impressão que se tem é que, em nenhum momento existiu a remoção, discriminação de tantas pessoas da convivência desta sociedade. Entretanto, eis que alguns fatos passam a chamar muito a atenção, mas é necessário observar o jornal com atenção, pois se tratam de poucas notícias a respeito da saúde pública.

Em praticamente todas as páginas existia a divulgação de médicos especialistas nas mais diversas áreas, tratava-se de mais ou menos de sete a dez anúncios por página. Estes anúncios descreviam entre outras características em qual universidade estes médicos haviam se formado, em qual cidade ou hospital teriam realizado seu estágio, a área na qual eram especialistas e também o lugar onde realizavam seus atendimentos. Ou seja, fica evidente que no ano em que mais houve internações de pacientes da cidade de Erechim no Hospital São Pedro e a Santa Casa de Misericórdia, passou a existir também nos discursos do período uma preocupação muito grande com relação aos cuidados necessários com a saúde do corpo, mas claro sem esquecer a importância que deveria existir em relação às precauções em relação à aparência destes corpos. (Jornal A voz da Serra)

As pessoas deveriam estar com seu corpo sadio para que assim, além de aparentarem estar com o mesmo mais saudável, estariam com ele mais bonito. Outra manchete que muito chamou à atenção no jornal A voz da Serra no ano de 1961 é intitulada “Saúde e Higiene” a mesma é escrita por Cecília Moretto que na época era Visitadora Sanitária do Centro de Saúde de Erechim, a mesma dizia que:

[...] De hereditariedade sadia depende a continuidade da Saúde da espécie, e as precauções higiênicas como os cuidados médicos desde os primeiros dias da concepção, permitirão uma gravidez regular e um nascimento feliz. O asseio exige banho diário, escovar os dentes ao menos duas vezes ao dia, manter limpas as mãos e unhas, penteados os cabelos, usar roupas adequadas e limpas. A higiene mental se fará desde a infância com os primeiros hábitos a criar e se firmará no controle emotivo, na confiança própria, na vida sexual normal, no ajustamento aos grupos sociais, na alegria de viver servindo a si e aos outros. Faz-se mister corrigir quais quer defeitos físicos que apareçam nos dentes, nos ossos, nas amígdalas, na refração visual e tratar quaisquer doenças que se manifestam, procurando adquirir imunidade contra as moléstias transmissíveis. Sendo a conquista, a defesa e a conservação da saúde, o alto objetivo da higiene convém ter sempre presente, na memória, os fatores que atuam sobre a mesma afim de melhor preservar o corpo contra os agentes causadores de doenças. (Jornal A Voz da Serra. Erechim, Sexta-feira, 07 de abril de 1961).

Esta reportagem é um sintoma de como a sociedade encarava os assuntos referentes à saúde, bem como deveriam se portar as pessoas, pois cuidando da higiene do corpo a mente conseqüentemente estaria bem, a continuidade da saúde da espécie estaria assegurada. Ou seja, dos cuidados existentes com a saúde do corpo desde a concepção do feto e após com o cuidado médico preservando o

corpo saudável e bonito, mantendo-se hábitos diários como escovar os dentes e tomar banho evitar-se-ia um problema mental. Entretanto aqueles indivíduos que estivessem com os cabelos desarrumados e não usassem roupas adequadas ou limpas não poderiam possuir uma saúde mental em dia.

Com o passar do tempo surgem novas formas de exclusão, pobres, vagabundos, prostitutas, presidiários e todos aqueles considerados dementes para a sociedade acabam assumindo o papel abandonado pelo leproso, predominando desta forma a exclusão social. Aos poucos é introduzido o elemento da loucura, este traz consigo reações de divisão, de exclusão, de purificação que acabam sendo apresentados de uma maneira bem evidente.

Uma das frases de muita relevância na reportagem a cima, assegura que seria na infância, na convivência com grupos sociais e com a vida sexual em dia, que as pessoas estariam livres de qualquer problema mental. Isto afirma que todos aqueles seres humanos que nascessem em uma classe social inferior e por consequência disso não tivessem condições de frequentar consultórios médicos periodicamente estariam então destinados à loucura. Sem dúvidas esta foi a melhor forma de excluir e violar os direitos humanos mais básicos destas pessoas mais humildes.

Portanto, assim como em muitos outros lugares deste país que tiveram milhares de pessoas internadas a força em seus hospitais psiquiátricos sendo que na grande maioria destes casos os pacientes não possuíam diagnóstico de doença mental, pode-se afirmar, infelizmente que Erechim também fez sua contribuição. A imagem física que seria um fator capaz de trancafiá-los por longos anos ou até mesmo até o fim de suas vidas em hospitais monstruosos cujas características principais eram comuns a todos, eram logo na entrada seus pacientes tinham o cabelo raspado, as roupas arrancadas e seus nomes descartados pelos funcionários que tratavam de os rebatizarem.

Em seu seminário intitulado Os anormais (2001), Foucault discorre a respeito do conceito de anormal e a todo o momento busca apresentar elementos que servem para definir as diferentes personagens que antecedem o “anormal”, os dispositivos que servem para a sua definição, a raridade ou mesmo que exemplifique a frequência da aplicação desta noção e a tecnologia de poder que lhe corresponde. Por conta disso, constata-se que por muito tempo frisou-se na questão do saber e do poder; poder de normalização e o poder de disciplinar as pessoas. É

exatamente isso que ocorreu na sociedade Erechinense, durante décadas buscou-se regular, normalizar todos aqueles e aquelas por ela considerados anormais.

Vale reforçar que a exclusão de sujeitos como os casos que aqui foram citados, estes cidadãos sofreram repressão por parte das autoridades públicas que objetivavam construir uma cidade bela e higiênica, uma cidade que fosse habitada por personagens esteticamente higienizadas e purificadas pelos cosméticos que a modernidade inventou. Esta adoção de medidas estéticas visava a “eliminação” daqueles que representavam o atraso e, estes seriam substituídos por aqueles que apresentassem as “seduções” do moderno. O capítulo 2 apresentará a provável existência de uma Casa de Passagem, enfatizando assim a exclusão e o esquecimento das pessoas naquele espaço.

### **3 ALA DOS ALIENADOS: O CONFINAMENTO E O ESQUECIMENTO DO OUTRO EM ERECHIM**

Este capítulo tem como objetivo examinar a possível existência de uma Casa de Passagem na cidade de Erechim e uma política de esquecimento de sua existência. Trata-se de uma ala de confinamento para onde sujeitos diagnosticados como alienados eram encaminhados. Busca-se também neste capítulo apresentar o conceito de loucura e ao mesmo tempo o conceito de cura usado no período, frisando também as práticas de exclusão das pessoas naquele espaço embasadas numa certa interligação entre verdade e o pensamento científico.

A partir da abordagem feita por Michel Foucault em sua obra *História da Loucura*, analisar-se-á como o conceito de loucura é apresentado, desde o início, mostrando a partir das suas origens, no Renascimento até a mesma se estabelecer na sociedade, ficando claro assim, que com o passar do tempo não se mudou apenas o modo como o homem enxergava a loucura, mas também a maneira como ela passou a ser analisada no decorrer dos séculos, e a forma com que ela teria sido encarada pela razão. Quem era considerado louco não era dono de seu pensamento, de sua cidadania, de sua identidade, muito menos de seu comportamento, ou seja, o mesmo não tinha chão.

Com o decorrer do tempo manifestaram-se várias obras que representavam a exclusão de pessoas, que ocorreram durante todo o processo histórico em todo o mundo. Neste sentido ao analisarmos a fundo o quadro *A Nau dos Loucos de Hieronymus Bosch*, o mesmo reproduz uma embarcação, a qual seria a mesma que Michel Foucault descreve em sua obra *História da Loucura*, sendo ela responsável por transportar os insanos a uma viagem pelos mares em busca da cura. A Nau de Loucos era um tipo de obra ficcional vinculada a uma tradição literária, na qual os viajantes serviam de representação a modelos éticos ideais que, ao embarcar em uma grande viagem simbólica, acabavam por encontrar suas verdades particulares.

Figura 8: Hieronymus Boch. Nau dos Loucos 1503-1504



Fonte: <<http://www.abcgallery.com/B/bosch18.html>> Acesso em 20,out.2014.

Michel Foucault nos ensina que há uma história de exclusão no Ocidente e aqueles que são considerados “alienados” foram de certa forma esquecidos. Este “negligenciamento” vem desde o período da Idade Média, momento em que a lepra desaparece do mundo ocidental, as pessoas buscam retirar o leproso de suas memórias. No início ela é substituída pelas doenças venéreas, e as pessoas passam então a receber tratamentos nos mesmos hospitais antes utilizados para o tratamento dos leprosos.

Desta forma Michel Foucault (2013: p.8) afirma que é interessante constatar a maneira como o internamento fora constituído no século XVII, pois as doenças

venéreas se isolaram em determinada medida, do seu contexto médico e acabou se instalando ao lado da loucura em um espaço de exclusão. O fato é que, a verdadeira herança deixada pela lepra faria com que a medicina demorasse certo tempo para se apropriar. Pode-se perceber que com o passar do tempo surgem novas formas de exclusão. Pobres, vagabundos, prostitutas, presidiários e todos aqueles considerados dementes para a sociedade acabaram assumindo o papel abandonado pelo leproso, predominando desta forma a exclusão social. Sendo assim Foucault apresenta o elemento da loucura, no entanto faz-se necessário passar quase dois séculos para que este novo fenômeno que sucede a lepra suscite os medos seculares e retornem trazendo consigo reações de divisão, de exclusão, de purificação que acabam sendo apresentados de uma maneira bem evidente.

Na Renascença, surge um objeto novo em sua paisagem imaginária, é A Nau dos Loucos, um estranho barco que deslizava ao longo dos calmos rios da Ranâniae dos canais flamengos. Estas embarcações que por muito tempo fizeram parte de um imaginário literário como a Nau das Damas (1503), por exemplo. Entretanto, é importante destacar que de todas as naves romanescas surgidas, a Narrenschiff foi à única que se pode afirmar uma existência real, pois estes barcos não apenas existiram, mas também carregaram consigo cargas de pessoas consideradas insanas de uma cidade para outra.

As cidades expulsavam estas pessoas de seus muros, pois segundo Foucault “os loucos tinham então uma existência facilmente errante” (FOUCAULT, 2013:p.9). Ao passo que algumas cidades expulsavam, outras acabaram servindo de abrigo, é o caso da cidade de Nuremberg, por exemplo, ela teria acolhido uma quantidade significativa de loucos, sendo eles alojados e mantidos pelo orçamento da cidade. No entanto, não lhes era oferecido tratamento, apenas o abrigo da prisão lhes era ofertado. Em algumas metrópoles importantes, ou em lugares de passagem, estes insanos eram levados por marinheiros e estes dementes acabavam sendo “perdidos”, deixando assim suas cidades natais “purificadas”.

O que acaba se evidenciando é que muito maior do que a preocupação com a cura destes seres humanos era a exclusão, pois a partir deste momento proibem-se estes insanos de frequentarem lugares públicos, como a igreja por exemplo. Sem contar as humilhações constantes por eles sofridas. Pois segundo Michel Foucault (2013: p.11) constantemente seres humanos considerados loucos eram chicoteados

publicamente e em seguida perseguidos até serem escorraçados dos muros das cidades.

Ao se confiar o destino de um louco aos marinheiros, é ter a certeza de que este dificilmente voltará a habitar aquela cidade, é saber que ele irá para longe e agora se tornará refém de sua própria partida. A água não apenas os leva embora, mas também purifica, e aos que nela se lançam desconhecem ao seu próprio destino, pelo simples fato de a navegação destinar ao homem a incerteza da sorte. E é para o outro lado do mundo que os loucos são levados em sua barca louca, sem ter a certeza de nada. Para Foucault (2013: p.12) a água e a navegação possuem o papel de carregar o louco que é trancafiado dentro de navios, este por sua vez é entregue as águas, entregue as incertezas exteriores e a tudo.

Ele se torna prisioneiro no meio da mais aberta das estradas, se torna passageiro por excelência, isto é, ele se torna o prisioneiro da passagem. Tudo a partir deste momento será incerto, pois ele não conhecerá o lugar onde irá desembarcar e o momento em que poderá desembarcar. A partir deste momento sua única verdade e sua única pátria serão a extensão estéril que se encontra entre as duas terras que não poderão lhe pertencer. O que é afirmado por Foucault é que a água e a loucura ficaram ligadas por muito tempo nos sonhos do homem europeu.

O que se percebe é a existência de uma exclusão não apenas pela indiferença em relação à loucura, mas sim, porque já na Idade Moderna começava a se apresentar tão assustadoramente quanto à lepra, este horror à loucura é tão grande e faz-se necessário procurar esquecê-la. É conveniente para o homem moderno não enxergar os alienados, uma vez que estes contrastavam em seus povoados, contribuindo desta forma para a danação de suas cidades. Foi realizando estes equívocos sobre a figura do louco, perpassando a Idade Média até a Renascença, para ele se tornar uma ameaça constante representando sempre uma ideia do mal.

A literatura ocidental passa neste momento a trazer consigo toda uma forma de pensar crítica, onde sua imagem marginal passa a ser o centro e o reflexo da verdade. A partir da Idade Média ela assume uma superfície considerável, longa série de “loucuras” que, estigmatizando como no passado vícios e defeitos, aproximam todos não mais do orgulho, não mais da falta de caridade, não mais do esquecimento das virtudes cristãs, mas de uma espécie de grande desatino pelo qual, ao certo, ninguém é exatamente culpável, mas que arrasta a todos numa

complacência secreta. A denúncia da loucura torna-se a forma geral da crítica. Nas farsas e nas sotias, o personagem do Louco, do Simplório, ou do Bobo assume cada vez uma maior importância. Ele não é mais, marginalmente, a silhueta ridícula e familiar: toma lugar no centro do teatro, como o detentor da verdade. (FOUCAULT, 2013:p.14).

Pode-se identificar a partir deste momento uma leve mudança na literatura, pois o tema da morte é substituído agora pela loucura, percebe-se que não surge uma interrupção, mas sim uma virada no interior desta mesma inquietude. Sendo assim a morte se remete ao vazio. A loucura por sua vez, por meio de sua ilusão, ocupa o primeiro lugar do agir humano, sendo considerada mãe de todos os pecados. Sendo assim, a loucura se destaca como uma razão própria.

Esta razão crítica da loucura acaba se encontrando acima de tudo na arte, faz-se um reconhecimento à razão. Não que ela venha a se confundir com o alienado, porém apesar de sua nitidez ofuscada, a loucura acaba reconhecendo seu lugar no interior da realidade humana. Realidade esta na qual sua preocupação ética retorna a um tempo clássico, surgindo assim novas experiências do espírito da loucura. “As figuras da visão cósmica e os movimentos da reflexão moral, o elemento ‘trágico’ e o elemento ‘crítico” (FOUCAULT, 2013: p.27). É no elemento trágico que se encontra a experiência dos rostos furiosos, dos fantasmas e da alquimia das representações encontradas nas obras de Bosch por exemplo.

A obra A Nau dos Loucos pintada por Hieronymus Bosch muito representa, pois sabe-se que ela teve uma existência concreta nas sociedades europeias dos séculos XIV, XV e XVI. Esta prática estava ligada diretamente com a exclusão e o escorraçamento destes indivíduos considerados alienados de suas cidades. Com o intuito de se livrar destas pessoas, escorraçavam-nas de seus muros de várias maneiras quer fosse pelo abandono em campos ou abaixo de pedradas, desta forma sem as suas presenças as cidades adquiriam um aspecto mais “limpo”.

Neste sentido, pode-se afirmar que as Naus dos Loucos de certa forma pode ter exercido um papel muito importante na regulação e no controle das populações de insanos de várias partes de cidades e vilas do Velho Continente, durante alguns séculos. Segundo Foucault:

[...] é possível que essas naus de loucos, que assombravam a imaginação de toda a primeira parte da Renascença, tenham sido naus de peregrinação, navios altamente simbólicos de insanos em busca da razão. (FOUCAULT, 2013. p.10).

Neste sentido, verifica-se que aos poucos, a opção pelo isolamento dos alienados, acabou se tornando a forma predominante com que as sociedades europeias passaram a lidar com o problema da loucura. Esta nave de loucos retratada, não levava consigo apenas os alienados, mas também aqueles considerados indesejáveis para a sociedade. Busca-se com o passar dos anos, e a modernização dos espaços urbanos reprimir a ociosidade bem como a miséria, o que se percebe é que há uma repressão da pobreza e o fato dela existir faz com que se busque tratamento para “curá-la”. Sendo assim, ao se refletir também está se avaliando; e o avaliar significa também planejar e estabelecer objetivos antecipadamente estabelecidos para qualquer prática social seja ela política ou outra.

O que se pode observar é que a loucura possui um ponto de partida temporal, no entanto devemos entendê-la em um sentido mítico, pois ela indica um crescimento indefinido. Ao passo que o meio em que o homem está inserido se torna mais compacto e opaco, há riscos da loucura acabar aumentando. Outro aspecto importante que podemos compreender, é que o louco acaba sendo substituído, ou seja, o lugar dos leprosos passa a ser assumido pelos vagabundos e pobres. Neste período, era ainda muito difícil determinar o motivo pelo qual as pessoas eram internadas, bem como descobrir quais doenças elas possuíam.

Aos poucos são apresentadas algumas discussões acerca da loucura e da exclusão de pessoas, elementos que se tornaram marcantes durante praticamente todo o processo histórico. Esta remoção daqueles considerados alienados no início da Renascença como é descrito na obra História da Loucura na Idade Clássica escrita por Michel Foucault acaba se estendendo por mais alguns séculos, e em vários países como é o caso do Brasil.

Em nosso país os navios de loucos são substituídos pelos trens que passavam e levavam consigo cargas e mais cargas de seres humanos acabando assim com suas vidas, pois estes dificilmente voltariam para o convívio diário com seus familiares e caso voltassem suas vidas jamais seriam as mesmas após passarem algum tempo em hospitais que torturavam e violavam seus direitos.

Segundo Daniela Arbex (2013:p.27) após o trem passar por todo o país, sua última parada seria na estação Bias Fortes, quando a locomotiva desacelerava já nos fundos do Hospital Colônia (MG) os passageiros se agitavam. Eles se encontravam intimidados por não saberem onde se encontravam e por em muitos casos sem saberem por qual motivo haviam sido encaminhados para aquele lugar, além disso, encontravam-se famintos a espera de uma ordem dos guardas para descer e se dirigir rumo ao desconhecido.

Se não bastasse, o tratamento destinado a estas pessoas era o pior que se pode imaginar, pois elas não possuíam nenhuma higiene, bebiam muitas vezes água do esgoto e até mesmo de urina, ficavam sem banho, e por conta disso estavam sempre rodeados por moscas, a alimentação que lhes era oferecida além de ser pouca era jogada no chão para que eles se arrastassem para pegá-la, sem mencionar que as vezes devido a fome que passavam eles obrigados a se alimentarem de ratos. Estas pessoas eram largadas a própria sorte, trancafiadas, tendo muitas vezes que acordar de madrugada sem roupas e fazer algumas caminhadas, abaixo de chuva e frio com a saúde debilitada pela má alimentação que lhes eram oferecidas, milhares de pessoas acabaram vindo a óbito em um dos maiores hospícios brasileiro. (ARBEX,2013)

Seguindo esta linha de pensamento Daniela Arbex (2013: p.14) afirma que os pacientes do Hospital Colônia morriam de diversas formas: morriam por passar frio, fome, por doenças. Morriam também de choques, existiam dias em que os eletrochoques eram tantos e tão fortes, que a sobrecarga chegava a derrubar a rede do município. Existiam períodos de maior lotação que chegaram a ocorrer 16 óbitos por dia, estas pessoas morriam de tudo, inclusive de invisibilidade. Tristemente ao morrer acabavam dando lucro, pois seus corpos eram vendidos para cerca de dezessete faculdades de medicina do país, tudo isso sem que ninguém questionasse. A partir do momento que houve um excesso de cadáveres e esse mercado encolheu, os corpos passaram a ser decompostos em ácido, no pátio do Hospital Colônia, na frente dos pacientes, a ideia era comercializar as ossadas, neste lugar nada era perdido exceto a vida.

O que se evidencia é que nunca os direitos humanos mais básicos puderam ser por tanto tempo violados por nossa sociedade como fora neste caso o genocídio cometido pelo Estado brasileiro, contando com a conivência de médicos, funcionários e também pela sociedade. É revoltante imaginar que além dos maus

tratos que recebiam ainda se tornariam fonte de lucro devido suas mortes. Sem contar a dor das mães que logo após darem a luz a seus filhos neste porque não dizer “campo de concentração” os tinham arrancados de seus braços e entregues para a doação.

Cada vez eram colocados mais pacientes dentro do Hospital Colônia e para conseguir fazer com que todos coubessem passou-se a utilizar os chamados leitos chão, este por sua vez “funcionou” tão bem que fora recomendado pelo Poder Público para outros hospitais mineiros no ano de 1959 Arbex (2013:p.26) afirma em seu livro reportagem que cerca de sessenta mil pessoas perderam a vida no Colônia. As cinco décadas mais dramáticas vividas neste país, foi um período em que a loucura dos chamados normais acabou dizimando pelo menos duas gerações de pessoas inocentes.

Ao se analisar números, fica fácil compreender porque o título do livro de Daniela Arbex é Holocausto Brasileiro. Pois além de pessoas de todas as partes do país serem levadas pelos chamados “trens de doidos” para aquele hospital, ao chegar eram divididos por sexo, idade e características físicas, viam-se obrigados a entregar seus pertences, mesmo que dispusessem do mínimo necessário como roupas e calçados. Estas pessoas eram constantemente humilhadas. Após passarem pela triagem muitas mulheres iam às lágrimas por verem obrigadas a tirar a roupa na frente de outras pessoas, para elas esta seria a primeira experiência de ficarem nuas em público. Todos tinham que passar pelo banho coletivo, este muitas vezes era gelado, os homens ainda haviam seus cabelos raspados de maneira semelhante aos prisioneiros de guerra.

Assim como em Minas Gerais em outros estados também existiram hospitais psiquiátricos, no Rio Grande do Sul não foi diferente. O Hospital Psiquiátrico São Pedro teve suas atividades iniciadas no dia 2 de dezembro de 1879, o mesmo era um motivo de orgulho para Província, teria sido idealizado na planta por Álvaro Nunes Pereira, e fora inaugurado somente com um dos seus atuais seis pavilhões. No início de suas atividades abrigava 41 alienados, sendo destes 24 homens e 17 mulheres, estes teriam sido transferidos da cadeia civil e da Santa Casa. Desde a sua fundação, o mesmo era comemorado com ostentação na presença das autoridades e da imprensa de Porto Alegre. Até a proclamação da República, o São Pedro fora administrado pela Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia, com o aumento das internações e o abandono dos pacientes por seus responsáveis,

acabaram fazendo com que se estimulasse o término da construção do prédio, no entanto isto só veio acontecer nos primeiros anos do século XX, ocasião em que foi menção de cartão-postal da cidade.

Incomum por sua magnitude, a edificação surpreendeu à população de Porto Alegre e aos seus visitantes. O mesmo passou por várias denominações, até o ano de 1925 no início fora chamado de Hospício São Pedro, após chamou-se Hospital São Pedro até ano de 1961 e posterior a isso até os dias atuais passou a se chamar Hospital Psiquiátrico São Pedro. Este hospital recebeu milhares de pessoas oriundas de diversas cidades do Estado, entre elas muitas pessoas de Erechim.

Existem muitos estudos a respeito do Hospital Psiquiátrico São Pedro, entre eles destacam-se a dissertação de mestrado que foi transformada no livro de Viviane Borges intitulado “Loucos nem sempre mansos” que enfoca a história de um centro agrícola chamado Colônia Itapuã, localizado no município de Viamão estado do Rio Grande do Sul. O referente texto busca compreender o contexto que permitiu a criação e o funcionamento de uma colônia agrícola para alienados com objetivos mais humanistas; procurando diferenciar-se dos preceitos globalizantes dos manicômios tradicionais. Segundo Borges (2007:p.46), o entusiasmo brasileiro com a implantação das primeiras colônias agrícolas no século XIX, não significava uma total eficácia, ou inovações terapêuticas, mas principalmente era levado em consideração seu aspecto econômico. Para as colônias eram levados os indigentes, ou seja, internados abandonados nos grandes manicômios e que, por isso não contribuíam para a manutenção destes, como era o caso dos pensionistas. O custo com aqueles considerados irrecuperáveis era alto para os cofres públicos e, com as colônias aconteceria um barateamento.

A propósito estas colônias de reabilitação que diziam possuir objetivos mais humanistas, na verdade tinham o intuito maior de economizar os gastos que se tinham com os hospitais. Entre as ideias surgidas com a criação das colônias era poder devolver a sociedade um “sujeito produtivo”, pois se tratava de uma característica terapêutica voltada para o trabalho, sendo empregada a partir do final século XIX, na qual este passaria a ser entendido como critério principal na avaliação do doente. Isto quer dizer que passaria a ser considerado normal quem produzisse quem trabalhasse.

Isto afirma que estas colônias não eram melhores que os hospitais psiquiátricos, pois de certa forma “obrigava” seus pacientes a trabalhar, uma vez que

para comprovarem sua lucidez era necessário possuir vontade e habilidade de trabalhar. Ou seja, quanto mais lucros geravam menos loucos se tornavam e mais próximos de receber alta estavam. Os pacientes que eram levados, normalmente eram homens que possuíam afinidades com a agricultura e que estavam superlotando o Hospital Psiquiátrico São Pedro.

### 3.1 A TENTATIVA DE ESQUECIMENTO

Como já mencionado no capítulo anterior Erechim seguindo o exemplo de outras cidades busca esquecer e esconder uma parte de sua história não muito distante. Ao longo da pesquisa averiguou-se que existira nesta cidade a existência de uma Casa de Passagem, a mesma funcionava junto a um Centro Espírita. O que se evidencia no decorrer desta é que existe um desencontro de informações, pois o atual presidente da Casa Espírita relata que já em 1914 fora criado um Hospital Psiquiátrico, afirmando que ele mesmo teria sido internado no ano 1929. No entanto, as imagens que foram coletadas são da atual Casa Espírita e esta teria sido construída na década de 1950.

As pessoas após serem diagnosticadas com “problemas mentais” eram encaminhadas para receberem tratamento espiritual, isto quer dizer, era necessário curar os problemas da alma. Em conversa com o responsável pelo Centro Espírita, o mesmo relatou que muitas pessoas teriam alcançado a cura espiritual e retornado a sua casa, entretanto muitos não tiveram a mesma “sorte” e acabaram sendo encaminhados para o Hospital Psiquiátrico São Pedro. (Entrevista João Morandi realizada em 13/06/2014)

Outro fato por ele relatado é que neste “Hospital” trabalhou por muitos anos um médico que prestava atendimento gratuito. E o hospital somente teria encerrado suas atividades por não existir mais nenhum médico disposto a prestar trabalho voluntário. Todas estas informações foram obtidas através de uma conversa informal, a partir do momento que resolveu-se pedir documentos que comprovassem a existência desta Casa de Passagem os mesmos foram negados, segundo o presidente do Centro, existiram algumas diretorias que por não quererem a divulgação desta história teriam queimado a Ata que tratava da fundação do Hospital.

Figura 9 – Imagem do chão do então Hospital Psiquiátrico localizado no Centro Espírita



Fonte: Acervo do autor

A imagem acima mostra o chão de um quarto do antigo Hospital Psiquiátrico, o buraco seria o lugar onde as camas se encontravam fixadas para que os internados não pudessem arrastá-la. As portas e as janelas eram todas de madeira as quais elas ainda possuem as marcas dos arranhões. Os pacientes ficavam internados um em cada quarto.

De fato ao analisar as atas ficou faltando à primeira, que segundo o atual presidente falava da fundação do Hospital, entretanto ao averiguar os outros livros atas constatou-se que a fundação do hospital teria ocorrido na década de 1950 mais precisamente o ano de 1959 e não a partir de 1914 como nos teria sido relatado. Segundo uma ata do dia 16 de agosto de 1959:

O irmão presidente em nosso alto deu por aberto a “Seção Inaugural”. Em brilhante oração dissertou sobre a finalidade da obra que não só serviria como Sede Social, mas que em particular para receber e alojar doentes mentais de ordem espiritual e todos sem distinção, que necessitam de conforto material e principalmente espiritual e que obedecendo aos ensinamentos do Mestre Jesus “Dar de graça o que de graça receber”, por isso que essa casa não é nossa e sim de toda a humanidade em particular aos que sofrem. (Ata disponibilizada pelo Centro Espírita para análise em 19/07/2014)

Percebe-se no discurso acima um desejo de cura. Não se faz somente necessário curar o corpo e a mente, mas é fundamental curar a alma. Aqueles que alcançassem o conforto espiritual estariam “curados” e sendo assim poderiam retornar para suas casas. O que se afirma com estes discursos, é que estas pessoas consideradas loucas, na verdade segundo relatos estariam sendo perturbadas por entidades espirituais, que eram tratadas como parte material pelo médico terreno e a parte espiritual tratada com a imposição das mãos, através do chamado passe magnético realizado pelos médiuns que faziam parte da casa.

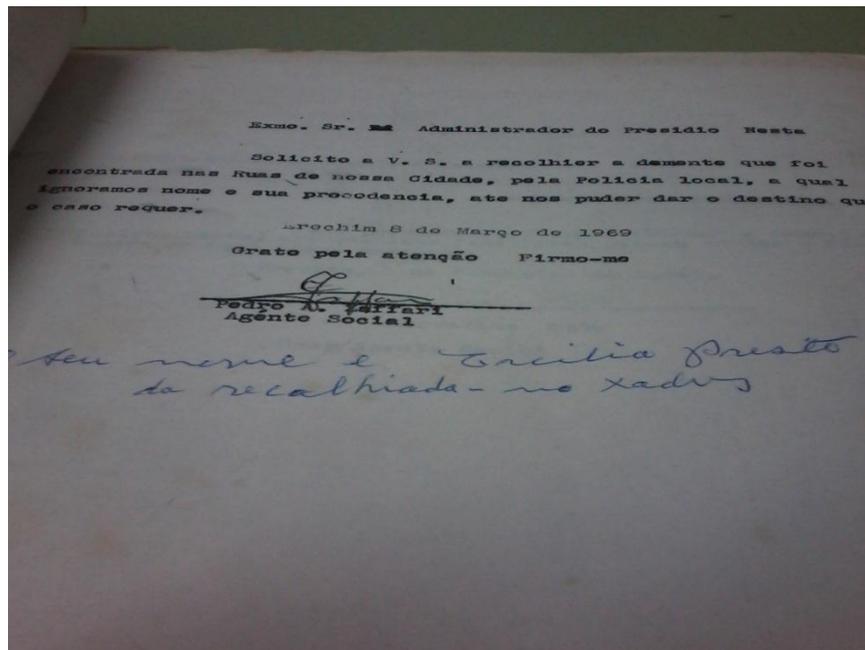
Segundo o atual presidente da Casa Espirita os estudos sobre o espiritismo teriam se iniciado em Erechim no ano de 1914, quando as primeiras obras básicas de Allan Kardec começaram a ser analisadas. É interessante ressaltar que a Federação Espírita Brasileira foi fundada no dia 2 de janeiro de 1884 na cidade do Rio de Janeiro. É no mínimo curioso pensarmos que apenas trinta anos depois de sua fundação, a cidade de Erechim já estava fazendo os estudos kardecistas, vale ressaltar também que Erechim iria ser emancipada somente em 30 de abril de 1918, ou seja, quatro anos antes de sua emancipação.

No início o então presidente afirma que as reuniões sobre os estudos Kardecistas ocorriam em diversas casas, somente algum tempo depois quando eles passaram a ter condições de alugar alguns espaços é que os encontros ocorreriam em uma casa. Na visão das pessoas que frequentam esta Casa Espirita não importa o que outras pessoas acreditam ou fazem, eles entendem o espiritismo para além de ser uma ciência ou uma filosofia, para eles o espiritismo é de cunho religioso, pois ele segue os princípios deixados por Jesus, nada, além disso.

Sabe-se que a doutrina espírita ficou conhecida também por intervir e por organizar movimentos sociais de instituições de caridade e saúde, que envolveram milhares de pessoas em muitos países. Em termos de medicina, houve um tempo em que as pessoas que tivessem sintomas como a audição ou a visão de espíritos eram apontadas como portadoras de transtornos mentais. Isto explicaria talvez o porquê da provável criação deste Hospital Psiquiátrico aqui em Erechim juntamente com o Centro Espirita, pois a relação existente entre o Espiritismo e a medicina é arraigada, encontrando-se presente em muitos livros espíritas, sem contar que existe até mesmo uma Associação Médico-Espírita Internacional, sendo ela

responsável pelas associações médico-espírita de vários países. Segundo o médico e político Dr. Bezerra de Menezes (2012), que escreveu o livro clássico *A loucura sob Novo Prisma*, onde ele busca principalmente fazer uma relação entre a questão dos transtornos mentais com o espiritismo e desta forma promover o emprego de meios que sejam mais eficazes para o tratamento na área da saúde mental.

Figura 10 – Carta enviada pelo suposto Departamento de Higiene ao administrador do presídio local

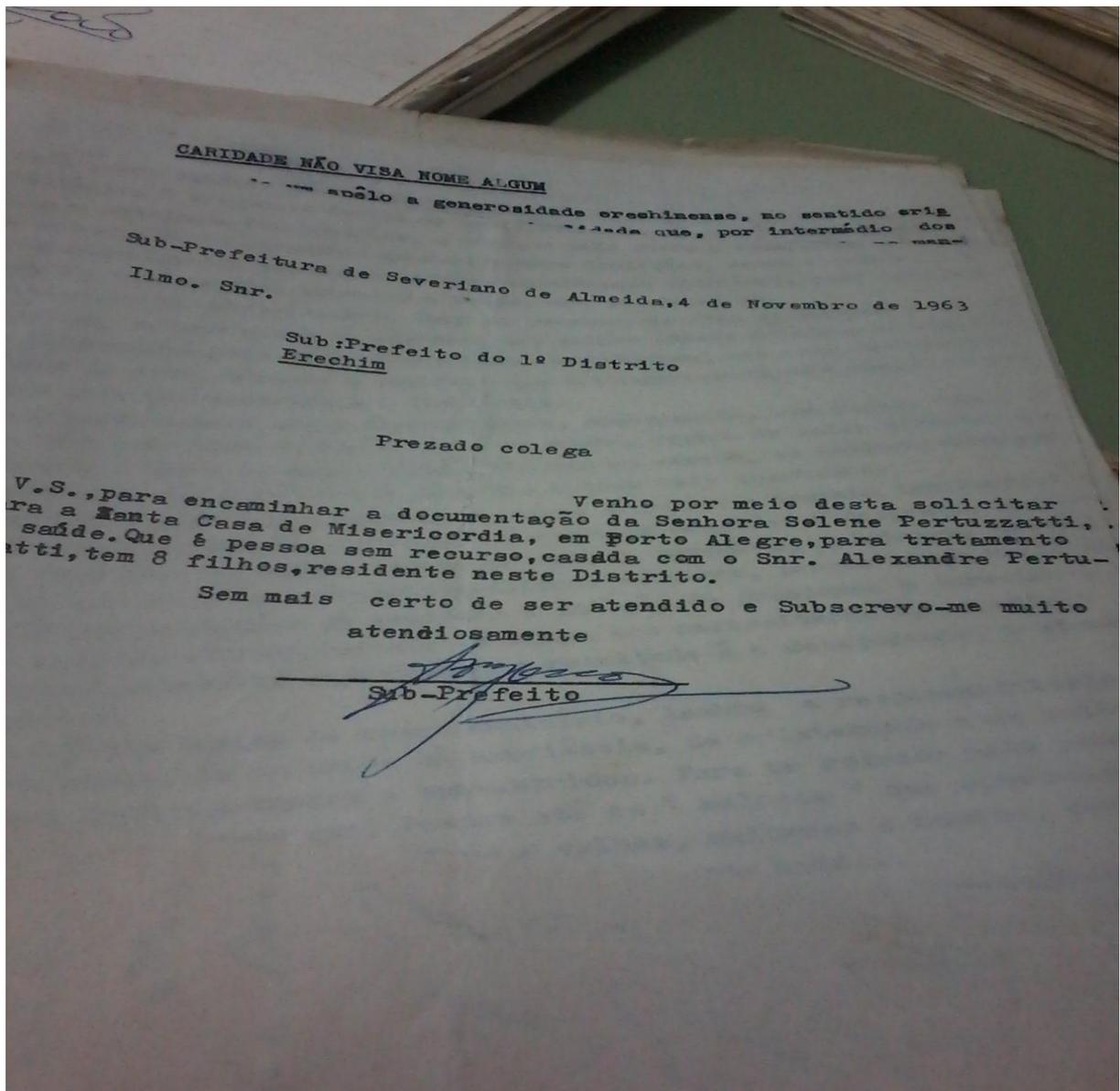


Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font

Esta carta que teria sido encaminhada pelo suposto Departamento de Higiene que existia na cidade de Erechim, relata o caso de uma mulher encontrada nas ruas da cidade, como é descrito acima, a mesma acaba tendo seu nome e sua procedência ignorados e sendo assim seria encaminhada ao presídio local para posteriormente ser conduzida para o Hospital Psiquiátrico São Pedro ou a Santa Casa de Misericórdia. Ao que se percebe a presença desta cidadã, era um incômodo para as autoridades deste município que almejavam sua remoção. O fato de ela se encontrar nas ruas, e por este motivo ser privada de conviver nesta cidade representava que a mesma não possuía o direito de escolher o que desejava isto fazia parte de uma técnica de governo que objetivava acima de qualquer coisa controlar os corpos.

Outras centenas de cartas como esta foram acessadas devido às mesmas estarem disponíveis no Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font de Erechim, elas se encontram arquivadas e em bom estado de conservação, o que frustra em parte é que cartas tão importantes carregam consigo poucas descrições no que diz respeito aos pacientes. O mais surpreendente ao analisar essa exorbitante quantidade de cartas, mais precisamente 490 é constatar que no ano de 1961 houve um número bastante expressivo de internamentos, cerca de 147 pessoas divididas entre homens, mulheres, crianças e idosos.

Figura 11 – Carta enviada a Santa Casa de Misericórdia em 04/11/1963



Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font

O ano de 1961 foi de extrema relevância para a cidade de Erechim, pois este fora o ano em que mais houve internações de pessoas julgadas como alienadas. Conseqüentemente é neste ano também que se averigua um volume expressivo de discursos no Jornal A Voz da Serra e na Revista Erechim, onde o assunto de destaque nas colunas era um discurso escancarado de modernidade, higiene e beleza. Outro ponto a se destacar, é que uma cidade como Erechim, localizada no interior do Estado do Rio Grande do Sul, com menos de meio século de emancipação política, pudera ter como características de modernidade não apenas na sua organização e planejamento, mas também em seus enunciados e principalmente na forma como reprimiu e excluiu todos aqueles e aquelas que não ficariam “bem” naquela sociedade.

Talvez seja difícil dizer o motivo pelo qual tantas pessoas tenham sido retiradas do convívio social. Sabe-se que um dos motivos para o confinamento destes indivíduos é porque a cidade respirava os ideais da modernidade. Como mencionado anteriormente antes destes indivíduos serem encaminhados para o Hospital São Pedro e a Santa Casa de Misericórdia estes seriam alojados nas Casas de Passagem que se encontravam no Hospital Santa Terezinha e na Casa Espirita. Segundo o atual presidente da Casa Espirita onde muitas pessoas foram internadas, ele salienta que as pessoas:

[...] chegavam na casa espírita porque elas já haviam ido à vários lugares e o último recurso era aqui, elas recebiam um esclarecimento de como funciona a nossa vida terrena [...] essas pessoas que se encontravam perturbadas por entidades espirituais e que a gente tratava com a parte material com o médico terreno e a parte espiritual com imposição das mãos, que é o passe magnético pelos médiuns que faziam parte da casa. (Entrevista João Morandi, realizada em 13/06/2014).

Segundo Nayana Mariano (2014), os médicos recém-formados passariam a reivindicar o monopólio dos saberes sobre a doença e a cura. O vínculo existente entre o Estado e a Medicina proporcionalizaram um maior controle social e ela passou a amplificar cada vez mais sua atuação que antes era privada e individual e posterior a isso, começou a se normalizar e a ocupar cada vez mais os espaços sociais. Este sistema de verdade sobre as doenças do corpo desenvolvido por estes médicos disciplinou e estruturou campanhas políticas de cunho moralizante, ocorrendo assim o saneamento dos espaços públicos e privados com o intuito de

modificar os hábitos. De acordo com Foucault (2008, p. 35) “o século XIX viu nascer dois grandes mitos: o mito de uma profissão médica nacionalizada, [...] e o mito do desaparecimento total da doença em uma sociedade sem distúrbios [...]”.

No decorrer da pesquisa, ao se buscar mais informações a respeito do funcionamento desta provável Casa de Passagem, encontraram-se inúmeras dificuldades, tanto pela omissão quanto pelo receio de deixar a vir à tona para a sociedade Erechinense, que aquele primeiro Centro Espírita respeitado por todos, teria confinado em suas instalações dezenas de pessoas, muitas delas sem nenhum problema mental. A sensação que se tem, é que houve um arrependimento por parte do atual presidente, pois logo após mencionar a existência de um Hospital Psiquiátrico e de ter permitido tirar a fotografia do chão do local, o mesmo negou a permissão para se tirar fotos de outros cômodos da casa, bem como a de uma cama que se encontrava no sótão do atual Centro Espírita. Talvez tenha ocorrido um arrependimento de sua parte em divulgar o que ocorria naquele espaço, por aquele ambiente ser visto hoje como um local santo, de caridade.

Já o que diz respeito aos documentos existentes no Hospital da cidade, devido à omissão deliberada não fora possível ter acesso aos mesmos. Sabe-se que a documentação produzida por estas instituições é de difícil acesso por diferentes razões. Entre os motivos pelo qual não se obteve o alcance a tais documentos é porque os mesmos ainda não são de domínio público e conseqüentemente o hospital também não demonstrou nenhum interesse em torná-los acessíveis. Borges (2013) afirma que além da dificuldade encontrada pelo pesquisador para se ter acesso aos documentos mais antigos, existe também outro obstáculo que é o caso da má conservação dos mesmos. Além disso, muitas vezes estes arquivos se encontram em locais impróprios à sua conservação, por se encontrarem sem uma organização que possibilite a pesquisa. Sem contar que estes são inóspitos para a saúde dos pesquisadores, por conta da poeira acumulada sobre eles ao longo dos anos.

Para o estudo não importaria se os documentos estivessem empoeirados ou não, visto que interessava apenas ter acesso aos mesmos, fato que infelizmente não ocorreu ao certo não se pode precisar o porquê deu-se desta forma. Seria por estas instituições tanto o Hospital Santa Terezinha assim como os responsáveis pela Casa de Passagem (hoje somente Centro Espírita) serem coniventes com a violência e a exclusão praticadas de forma deliberada contra seres humanos que na sua grande

maioria eram pessoas consideradas indesejáveis a sociedade? Estas por sua vez seriam um incômodo para os que estavam no poder, ou para aqueles que possuíam domínio sobre essa parcela de indivíduos?

Durante muito tempo o confinamento de indivíduos era tido como estratégia principal do exercício do poder. A passagem da sociedade disciplinar para a de controle exigiu a instalação da lógica do confinamento, isso ocorreu em praticamente toda a sociedade sem que houvessem muros que viessem a separar o lado de dentro e de fora das instituições. A modernidade instaurou nas cidades um sistema de vigilância contínua, com o objetivo de transformar, de certa forma a ampliar e acentuar os modos de viver, pensar e porque não de agir das pessoas. Ao disciplinar o comportamento destes, a sociedade acabou redimensionando e amplificando seus pilares constituintes.

Os meios de comunicação desde o início das sociedades modernas tiveram grande contribuição para a construção do egoísmo dos seres humanos. Constantemente ao lado do surgimento e o fortalecimento das sociedades modernas, o meios de comunicação acabaram crescendo de forma surpreendente. É impossível imaginarmos o mundo contemporâneo, sem levarmos em conta o papel da mídia, sabemos do papel fundamental exercido por ela, com um grande fluxo de imagens e conteúdos simbólicos, disponibilizados através dos meios de comunicação a um número cada vez maior de pessoas, sendo que de certa maneira acabam conformando a realidade, as relações sociais e o egocentrismo individual.

Esta mesma mídia fundamental para a modernidade e à contemporaneidade, acabou corroborando em parte para que muitas pessoas fossem confinadas em alas psiquiátricas de muitos lugares inclusive em Erechim. O fato de o Jornal e a Revista local trazerem constantemente colunas que enfatizavam o cuidado necessário que dever-se-ia ter com a aparência e com a limpeza, acabaram fazendo com que a sociedade reprimisse aqueles que aos seus olhos mostravam-se ser diferentes. Como é o caso de uma Coluna na Revista Erechim a qual se denominada Eugenia e Beleza o título da matéria do dia 24 de junho de 1951 era “Quando um indivíduo calvo pode ter esperança”:

Regra geral os indivíduos calvos desejam saber se ainda é possível recuperar os cabelos perdidos. Sobretudo os jovens não se conformam com o processo da calvície, o que aliás é justo, pois a ilusão ainda é o mais forte argumento da própria idade que apresentam. Vejamos, entretanto, quais são as reais possibilidades que um calvo pode ter em relação a calvície.

Um cabelo com a raiz morta ou que já a perdeu, conforme o público diz geralmente, é um órgão inteiramente morto. Nada há a fazer. Quando, entretanto, ainda existe a raiz do cabelo, aí sim, é possível mantê-lo. Nesse caso, então, mesmo que a raiz esteja enfraquecida, é possível fazê-la desenvolver, recupere-la enfim, com tratamento adequado. [...]

Nota: Os nossos leitores poderão solicitar qualquer conselho sobre tratamento da pele e cabelos ao médico especialista, Dr Pires, à Rua México 31, Rio de Janeiro, bastando enviar o artigo deste jornal e o endereço completo para a resposta. (Revista Erechim, 24 de junho de 1951, p.3)

Ao se divulgar matérias como esta acima descrita, fica cada vez mais evidente que era necessário que os indivíduos se apresentassem “bonitos”. Isto seria de fundamental importância para que toda a cidade que já se encontrava com ruas e praças embelezadas contasse também com habitantes que contribuíssem para o aumento desta beleza. Era necessário manter a aparência bonita, pois uma aparência boa estaria ligada também a uma boa higiene. Como podemos observar acima aos que ficavam com dúvidas e se desejassem poderiam entrar em contato com o Dr Pires que este estaria à disposição de seus leitores.

Por isso tudo, desenvolveu-se no decorrer deste capítulo o desejo aflorado de cura, existente nesta sociedade que almejava “concertar” não somente as doenças do corpo e da mente, mas também e principalmente os problemas encontrados na alma. Estes problemas identificados como sendo causados por entidades espirituais como ressalta o então presidente da Casa Espírita, teriam sido tratados conjuntamente com médicos. Esta prática muito se assemelha com as atividades e os ofícios que ocorreram em todo o país no final do século XIX e início de XX. Neste período os curandeiros dividiam o espaço conjuntamente com cientistas, evidenciando assim a diversidade cultural e as maneiras que por diversas vezes mostraram-se evasivas, onde muitos sujeitos acabaram se posicionando favoráveis as artes de curar.

#### 4 CONCLUSÃO OU PRELÚDIO DE OUTRO INÍCIO

Ao finalizar este trabalho uma das possíveis conclusões a que se pode chegar é que apesar de os discursos encontrados na Revista Erechim, assim como os do Jornal A Voz da Serra não deixarem claro em suas colunas as palavras moderno, modernidade ou modernização, constatou-se que estes se fizeram presentes durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, e que a cidade fora se desenvolvendo e crescendo com um típico desejo de progresso neste sentido, isto se justifica se observar a organização em que a cidade se encontra até hoje, pois o centro é mais “bonito” e elitizado do que os bairros. Constatou-se também a existência de uma Casa de Passagem, confirmando desta forma a existência de práticas de confinamento e de exclusão das pessoas consideradas loucas (alienadas) naquele espaço.

Além disso, buscou-se construir um entrelaçamento entre as noções de modernidade e suas conseqüentes práticas de exclusão dos indesejados na cidade de Erechim. Esta exclusão e remoção de indivíduos que se justificava por organizar a cidade “limpando-a” dos elementos desviantes referia-se antes de tudo um trabalho de saneamento social vinculado ao suposto Departamento De Higiene que funcionou em Erechim. Percebe-se que em grande parte os médicos estavam ligados a uma doutrina moderna de legitimação do discurso, ou seja, acreditava-se no “poder” da medicalização dos corpos como uma possível solução para curar os males psíquicos.

Em poucos ou em nenhum momento levou-se em consideração o sofrimento daqueles internados como doentes mentais dentro de algumas instituições. Sofrimento de diversas formas como, o físico e moral pode-se enfatizar a humilhação, o escurraçamento, o preconceito, as condições desumanas a que eram submetidos, tristemente lembram o do quão desumano foi à realidade à que estas pessoas foram submetidas podendo esta ser comparada com as teorias eugenistas praticadas pelo regime nazista, onde o extermínio de judeus e as praticas de esterilização compulsória eram empregadas em prol da higienização social. O Estado ao trancafiar em Hospitais Psiquiátricos pessoas que muitas vezes não possuíam nenhum problema mental, faz com que ele cometa atos de racismo, formas de exclusão e extermínio dos indesejados socialmente, praticando assim um genocídio.

Conseguiu-se no decorrer deste trabalho cumprir com quase todos os objetivos previstos, como o de analisar os discursos que se encontram presentes na Revista Erechim no Jornal A Voz da Serra, da mesma maneira que analisar os discursos existentes nas cartas enviadas ao Hospital São Pedro e a Santa Casa de Misericórdia, bem como mostrar a existência de uma Casa de Passagem que teria funcionado juntamente com um Centro Espírita na cidade de Erechim. Pela omissão deliberada existente por parte dos responsáveis pelo Hospital Santa Terezinha e por aqueles responsáveis pelo provável Departamento de Higiene que funcionou nesta cidade não foi possível o acesso aos documentos por estes não serem de domínio público. No que se refere à Casa de Passagem faltaram algumas informações por omissão existente por parte do atual presidente do Centro Espírita.

Este trabalho foi muito importante para que tivéssemos uma melhor compreensão de como os ideais de modernidade puderam fazer com que centenas de pessoas inocentes fossem removidas do convívio social, a justificativa estava em estas serem pobres, negras, prostitutas, alcoólatras em fim por não estarem dentro dos “padrões” impostos por uma elite que comandava a cidade. A pesquisa também permitiu desenvolver um melhor entendimento sobre como foi à organização e o planejamento da cidade, constatando assim que ainda hoje existem os reflexos daquele período. Acima de tudo, foi possível perceber que a imagem que é vendida todos os dias pela imprensa às pessoas, é a imagem de Erechim como uma cidade hospitaleira, portadora do título de Capital da Amizade, no entanto, a verdade é que aqui se confinou, excluiu e violentou os direitos humanos de muitas pessoas inocentes.

Borges (2012, p.81), afirma que existiam várias tentativas por parte dos responsáveis pelo Centro Agrícola de regular os pacientes, controlando suas atividades, as cartas que os mesmos enviavam a seus familiares. Estas normatizações tinham como finalidade garantir a ordem institucional, e estas rotinas acabavam por auxiliar a fixação de identidades e automatizar as decisões tomadas no dia-a-dia. Afirmava-se que estes pacientes necessitavam destas normas para poderem se sentir seguros, entretanto estas “rotinas” serviriam para que a própria equipe dirigente pudesse se sentir “segura”, garantindo assim um bom funcionamento da instituição e assegurando também o cumprimento dos objetivos estabelecidos.

A prática de regular os corpos fez-se presente não somente nas instituições responsáveis por tratar estes “doentes” como Viviane Borges descreve em sua obra. Houve um controle destes nas cidades de todo o país e fora, o que se reproduziu também em Erechim. Regrava-se aos habitantes que estes apresentassem uma boa aparência, seus corpos deveriam mostrar-se sadios. Aqueles cidadãos que viviam nas ruas, que carregavam consigo a expressão do feio, do sofrimento, da falta de higiene, estariam conseqüentemente sendo controlados pelos responsáveis do provável Departamento de Higiene Pública (que teria funcionado nesta cidade), este por sua vez seria o responsável por recolher os considerados dementes e os encaminhar posteriormente para o órgãos responsáveis, para que estes recebessem tratamento “adequado”.

A ociosidade também era considerada um motivo para que um indivíduo pudesse ser reprimido, existiam dentro das instituições questões ligadas às gratificações, premiações e pequenos privilégios que visavam proporcionar ao paciente um estímulo maior ao trabalho, da mesma forma que atuava como forma de controle. A vigilância era constante, sendo ela exercida através de diferentes olhares, que buscavam acima de tudo fixar cada corpo em seu devido lugar (Borges, 2012). Se parar para refletir sobre o quanto Erechim reprime hoje em dia, aos que não trabalham julgando-os como “vagabundos”, “sustentados pelo governo” e muito mais, imagine como aquela sociedade nas décadas de 1940, 1950 e 1960 condenavam aos que por alguma razão não trabalhassem. Estes provavelmente seriam reprimidos ao ponto de serem até mesmo retirados do convívio social.

As fontes disponibilizadas foram poucas, entretanto estas abriram algumas possibilidades de investigar como a cidade de Erechim se organizou, podendo assim constatar que por trás de lindos prédios, por trás de um projeto de organização que chama a atenção de todos os que visitam este centro urbano, existiu uma concepção de modernidade que saiu do papel, sendo transpassada aos principais discursos proferidos por pessoas denominadas médicas em colunas eugenistas. Estas fontes acabaram tecendo no decorrer da pesquisa uma rede de “descobertas”, sendo estas muitas vezes inusitadas. No decorrer deste caminho, foi possível chegar a algumas conclusões, resultantes do estudo de um passado sobre o qual muitos não possuem nenhum conhecimento, e que a se pensava conhecer, este por sua vez surpreendeu angariando novos traçados tecidos pela própria documentação encontrada.

Esta documentação, infelizmente ainda não se encontra totalmente desvendadas, não por falta de empenho em investigar, mas sim porque aqueles que as possuem em mãos não as querem divulgar. É o caso dos prontuários médicos e relatórios mensais que existem no Hospital Santa Terezinha, da mesma forma os documentos que se encontram em atas e até mesmo na memória daqueles que presenciaram o cotidiano dos pacientes internados no Hospital Psiquiátrico que funcionou durante algum tempo conjuntamente com um Centro Espírita nesta cidade. Além do mais, esta Casa de Passagem ou Ala dos Alienados ainda guarda objetos de grande valor aos pesquisadores, é o caso de uma cama que ficava em um dos quartos que não fora permitido fotografar. Além da cama, existe uma pia que se encontrava no consultório do médico que prestava serviço gratuito.

Este silenciamento por parte do então presidente deste Centro Espírita não significa que nada tenha ocorrido naquela casa, pelo contrário, ele indica muitos erros cometidos para que a “cura” dos corpos e da alma fosse alcançada. Sabemos da importância destes documentos para que todos e todas possam ter acesso e conseqüentemente tomar conhecimento do que aconteceu nesta cidade, para que o erro cometido contra centenas de pessoas que tiveram que arcar com as conseqüências trazidas pela modernização que ocorrera não somente nas características materiais do centro urbano.

Possivelmente pode ser que ainda existam alguns dos personagens protagonistas deste triste episódio andando nas ruas de Erechim, provavelmente sejam as pequenas crianças que não sabemos explicar por qual motivo teriam sido encaminhadas para receber tratamentos. Não podemos afirmar nada a respeito disso, no entanto se alguns destes ainda vivem aqui, se encontram escondidos atrás de um “esquecimento” pregado por aqueles responsáveis pelas suas exclusões. Estes indivíduos carregam consigo as marcas de um passado recente, e isto leva a pensar no que Machado de Assis descreve em seu conto *O Alienista* e convida a refletir sobre o porquê o protagonista interna todos os habitantes da cidade de Itaguaí? Esse afã criado pela modernidade e pela medicina em inventar a todo o momento doenças e classificar os corpos como doentes e anormais é violento. Será que toda diferença existentes nas mais diversas sociedades caberiam num hospício ou casa de passagem?

## REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 2ª ed. Ed – São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ASSIS, Machado. **O Alienista**. Porto Alegre, L&PM, 2014.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **Prontuários médicos**: fonte para o estudo da história social da medicina e da enfermidade. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 173-180, 1996.

BORGES, Viviane Trindade. **Loucos (nem sempre) mansos da estância: controle e resistência no cotidiano do Centro Agrícola de Reabilitação ( Viamão, 1972-1982)**. 2007. Dissertação ( Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

Ata do Centro Espírita data de 16/08/1959, acesso em 19/07/2014.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. **Os enfermos da razão**: cidade planejada, exclusão e doença mental (Maringá, 1960-1980). São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo, Cia da Letras, 2011.

CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão. **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

CHEUICHE, Edson. **120 anos do Hospital Psiquiátrico São Pedro: um pouco de sua história**. R. Psiquiatra. RS. 2004.

CHIAPARINI, Enori José; FÁBRIS, Neivo Angelo; HACCHMANN, Roberto; SMANIOTTO, Maria Lúcia Carraro. **Erechim: Retratos do Passado, Memórias no presente**. Erechim, RS: Grafoluz, 2012.

COSTA, J.F. (1989). **História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. Rio de Janeiro: Xenon.

DESAJUSTADOS SOCIAIS. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, 16 fev.1951.

DOENTES DA RAZÃO. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, 24julho.1951.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política de beleza**. Chapecó: Argos.2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura: na idade clássica**. São Paulo, Ed Perspectivas S.A., 9° Ed, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Ed Vozes, 1999.

FONTILLA, Juarez Miguel. **Serra do Erechim: tempos heroicos**. 1°ed. Erechim: Carraro, 1983.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: Curso no Collège de France (1974 – 1975)**: tradução Eduardo Brandão – São Paulo: Martins Fontes, 2001, (p.69 a 100).

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade**. 3° Ed.Campinas: Papyrus, 2008.

MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978.

MANSERA, Adriano Rodrigues; SILVA, Lúcia Cecília da. **A Influência das ideias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil**. Psicologia em estudo, Maringá, v.5,n.1, p.115-137,2000.

<<http://www.cchla.ufpb.br/ocs->

[2.3.6/index.php/estudosfoucaultianos/estudosfoucaultianos/paper/view/33/38](http://www.cchla.ufpb.br/ocs-2.3.6/index.php/estudosfoucaultianos/estudosfoucaultianos/paper/view/33/38)>

acesso em 01/09/2014

MENEZES, Bezerra de. **A loucura sob novo prisma**. Ed FEB, 2012.

NETO, Antônio. Ducati. **O Grande Erechim e sua História**. Porto Alegre, Grafosul, 1981.

QUANDO UM ÍNDIVÍDUO CALVO PODE TER ESPERANÇAS. **Jornal A Voz da Serra**, 24 junho. 1951.

SANTOS, Nadia Maria Weber. "Loucura e sanidade psíquica, duas faces do desenvolvimento humano alguns aspectos historiográficos (Brasil, 1808-2008)". in: *Saúde e Desenvolvimento Humano*, v. 1, p. 61-72, 2013. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/viewFile/2175180305102013453/2851>>  
[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370208051\\_ARQUIVO\\_ArquivosMarginais-anpuh.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370208051_ARQUIVO_ArquivosMarginais-anpuh.pdf)>

SAÚDE E HIGIENE. **Jornal A Voz da Serra**, 07 abr.1961.

SCOTTI, Zelinda Rosa. **Os prontuários** do Hospício São Pedro: metodologia para formação de banco de dados. **Revista Ágora**, Vitória, n.12, 2011, p.1-12.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3ªed – Rio de Janeiro: Record,2003.

SMANIOTTO, Maria Lúcia Carraro. **Erechim: retratos do passado, memórias no presente**. Erechim, RS: Grafoluz, 2012.

**Um “Depósito de gente”**: as marcas do sofrimento e as transformações no antigo Hospital Colônia Sant’Ana e na Assistência Psiquiátrica em Santa Catarina (1970-1996). Artigo aprovado para publicação, aguardando publicação da Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos (em: 30/11/2012).

VITILIGO. **Jornal A Voz da Serra**, Erechim, 25 julho.1951.

PESSOTI, I. (1988). **Notas para uma História da Psicologia brasileira. Quem é o psicólogo brasileiro?** São Paulo: Edicon.

PESAVENTO, Sandra Jatayh. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos do final do século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

ZAMBONATTO, Aristides. Agostinho. **Os meus Erechim**. Erechim, Edelbra, 2000.

WADI, Yonissa Marmit. **A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

\_\_\_\_\_. Uma história da loucura no Tempo Presente: os caminhos da assistência e da reforma psiquiátrica no Estado do Paraná. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 68-98, jan./jun. 2009.